

Palmeira d'Oeste histórias e causos

coletânea multiautoral

Hermenegildo Jose Ferreira

Volume II

2ª edição



Thomaz Vicente Vicente

Próspero produtor de café em sua fazenda de Pindorama/SP. Lá pelos idos de 1938, reconheceu a qualidade do solo neste pedaço de sertão, até então, inexplorado do noroeste paulista. Profundo conhecedor da lida com a lavoura do café, comprou 550 alqueires de terras, no interior da Fazenda Palmital, com a intenção desenvolver essa cultura. Foi o grande benfeitor que doou 20 alqueires de terras e deu todo o suporte logístico para que seu filho José Vicente Vicente fundasse Palmeira d'Oeste/SP em 13 de dezembro de 1944, dia de Santa Luzia.



**Editora
Casa
Ferreirinha**

Palmeira d'Oeste

histórias e causos

Volume II

2ª edição

Coletânea Multiautoral

Hermenegildo Jose Ferreira
José Roveri

2024

Copyright © 2024 por Hermenegildo Jose Ferreira
Palmeira d'Oeste histórias e causos – volume II

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. Nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização do autor.

Hermenegildo Jose Ferreira

2ª Edição

Setembro de 2024

Edição:

Editora Casa Ferreirinha

Revisão:

Hermenegildo Jose Ferreira

Diagramação:

Hermenegildo Jose Ferreira

Capa:

Hermenegildo Jose Ferreira

ISBN – 978-65-01-15599-9

CIP – (Cataloguing-in-Publication) – Brasil – Catalogação na Publicação

Ficha Catalográfica feita na editora

Ferreira, Hermenegildo Jose

Palmeira d'Oeste histórias e causos – volume I I

2ª ed. Palmeira d'Oeste/SP, Editora Casa Ferreirinha, 2024

88 p.: 15,5 x 23 cm (Broch.)

ISBN – 978-65-01-15599-9

CDD B869

Índice para catálogo sistemático

1. Literatura Brasileira 2. Histórias I. Título

Editora Casa Ferreirinha

Av. Euclides da Cunha, 4979 - Centro - Palmeira d'Oeste - SP –

CEP: 15.720-000

WhatsApp: 17 996 414239

meneferreira@hotmail.com

Palmeira d'Oeste

histórias e causos

Volume II

2ª edição



Hermenegildo Jose Ferreira

Editora

Casa

Ferreirinha



Palmeira d'Oeste – histórias e causos

Dedico este trabalho a todos aqueles que conseguiram me ensinar o pouco que eu sei:

- Aos professores do Grupo Escolar de Palmeira d'Oeste (SP): Geni, Aparecida, Adélia Serapião, “Néquinha” e Maria Helena; estes com apenas um quadro negro, giz e um apagador, na fronteira agrícola da época, me deram a mesma formação das melhores escolas do país;

- Aos Padres Agostinianos do Seminário Santo Agostinho de Engenheiro Schimidt (SP); espanhóis fenomenais, disciplina rígida, exigência de aprendizado feroz. Com eles melhorei muito meu futebol e minha habilidade para o aprendizado;

- Aos professores da E.E. Orestes Ferreira de Toledo em Palmeira d'Oeste (SP), onde faltava o ensino de física e química, mas tinha o de sociologia e psicologia, o que foi de grande utilidade, posteriormente, no meu curso de medicina, onde era o único aluno da turma com conhecimento básico dessas matérias;

- Aos professores da EEPG Dr. Américo Brasiliense em Santo André (SP), todos muito dedicados, altamente capazes, onde terminei o colegial;

- Aos professores do Instituto de Física da Universidade de São Paulo, destacando o Professor Herch Moysés Nussenzveig;

- Aos professores da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia, particularmente ao professor Fued Elias Esper;

- Aos militares de 1988 do 11º Grupo de Artilharia Antiaérea sediado em Brasília (DF), sob o comando do Coronel Marcus Aurelius Minervino;

- Aos professores do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo destacando, carinhosamente, o professor Antonio Alberto Nogueira;

- A Palmeira d'Oeste que completa 80 anos de existência no dia 13 de dezembro de 2024, dia da sua padroeira Santa Luzia.

Hermenegildo Jose Ferreira



Hermenegildo Jose Ferreira
2024

Apresentação

Neste volume II, segunda edição, continuo o meu trabalho de transcrever, editar, revisar e diagramar, principalmente, entrevistas realizadas com personagens da nossa querida Palmeira d'Oeste. São entrevistas, primariamente, realizadas para serem veiculadas no quadro “*Skala Fm ampliando os horizontes da nossa cultura*” da emissora do Sistema Comunitário de Radiodifusão, Skala Fm - 105,9 Mhz.

Compartilhar recordações ajuda a conservar a memória histórica. Cada família, cada pessoa, é parte desse processo. Suas memórias enriquecem o conhecimento da trajetória histórica do nosso município.

Registro neste volume II, segunda edição: Thomaz Vicente Vicente e seu filho José Vicente Vicente, personagens fundamentais na história de Palmeira d'Oeste; o pioneiro José Roveri e parte do seu livro, “Onde canta o sabiá – Sonhos e memórias de um boticário do sertão”, publicado em 1996; a história da família Zanelati responsável pela mais antiga empresa de Palmeira d'Oeste ainda em atividade e a história do Guarani Futebol Clube.

De acordo com a obtenção de novos relatos proponho-me a continuar publicando-os, nos formatos de livro impresso e ebook disponibilizando-os no link <http://skalafm.org.br/biblioteca/>.

Hermenegildo Jose Ferreira

SUMÁRIO

<i>Apresentação</i> Hermenegildo Jose Ferreira 2024	05
<i>Thomaz Vicente Vicente – Protagonistas da história de Palmeira d'Oeste</i> Hermenegildo Jose Ferreira 2024	08
<i>José Vicente Vicente – Protagonistas da história de Palmeira d'Oeste</i> Hermenegildo Jose Ferreira 2024	14
<i>José Roveri – Protagonistas da história de Palmeira d'Oeste</i> Hermenegildo Jose Ferreira 2011	17
<i>Onde canta o sabiá - sonhos e memórias de um boticário do sertão</i> José Roveri 1996	20
<i>Uma odisséia</i>	20
<i>Destino: boticário</i>	22
<i>Picado de cobra</i>	22
<i>Os primeiros dias</i>	23
<i>Fama de boticário</i>	26
<i>Fratura exposta</i>	27
<i>Heróis do sertão</i>	27
<i>Alegria do amanhecer</i>	30
<i>Novos tempos</i>	31
<i>O filho da bailarina</i>	32
<i>Adeus à mãe Adelaide</i>	34
<i>O chamado</i>	35
<i>A garota da mudança</i>	35
<i>O menino chegou</i>	36
<i>Pantaleão, o prefeito</i>	38
<i>Diabo no corpo</i>	40
<i>Como as andorinhas</i>	41
<i>Rivalidade mortal</i>	42
<i>Os amigos</i>	45
<i>Novos heróis do sertão</i>	46
<i>Brasília: nova era</i>	47
<i>Junto de Deus</i>	47
<i>Propostas e recordações</i>	48
<i>Afinal, Rondonópolis</i>	50

<i>O facínora</i>	51
<i>Volta à Palmeira d'Oeste</i>	54
<i>Minha terra, minha gente</i>	55
<i>O homem no tempo e no planeta</i>	57
<i>Inesquecível professor</i>	58
<i>Os dias que se foram</i>	59
<i>Agradecimento final</i>	61
<i>Família Zanelati</i> Hermenegildo Jose Ferreira 2014	62
<i>Guarani Futebol Clube</i> Hermenegildo Jose Ferreira 2012	73



Hermenegildo Jose Ferreira
2024

Thomaz Vicente Vicente
Protagonistas da história de Palmeira d'Oeste



Thomaz Vicente Vicente

Thomaz Vicente Vicente, personagem fundamental e pouco reconhecido diante do seu grande valor na construção da história de Palmeira d'Oeste.

Este homem, um próspero fazendeiro de Pindorama/SP, foi quem visualizou as terras férteis de um sertão inexplorado e propícias para o desenvolvimento da cultura cafeeira. Foi ele quem doou as terras que possibilitou a fundação de Palmeira d'Oeste.

Thomaz é um imigrante espanhol nascido em 28/03/1887 na divisa com Portugal no município de La Alameda de Gardón na Província de Salamanca. Seus pais: José Vicente e Rosalía Vicente eram agricultores espanhóis muito pobres, mas acostumados a lidar com a terra. No final do século XIX, em países como: Espanha, Portugal, Itália, Alemanha... Começou um tempo de desajustes, desavenças e conflitos entre seus proprietários de terras e seus empregados resultando num desemprego muito grande, uma profunda crise econômica.

No Brasil a abolição dos escravos ocorreu através da Lei 3.353 de 13/05/1888 assinada pela princesa Isabel transformando o sistema de trabalho vigente até aquele momento. O governo brasileiro passou a estimular a imigração, principalmente de europeus que vinham em busca de melhores condições de vida. Houve uma leva muito grande de imigrantes vindo para trabalhar nas lavouras brasileiras. Nessa época Thomaz era um adolescente em torno dos seus 14 anos de idade. Seus pais decidiram emigrar para o Brasil para trabalharem na lavoura.

Thomaz achava que o trabalho na lavoura era para os mais velhos e que ele viria para o Brasil aprender a língua portuguesa e estudar, ficou muito animado, iria andar de navio...

As viagens de navio a vapor entre a Espanha e o Brasil demoravam em torno de 40 dias. Ele estava com a cabeça povoada de sonhos e de expectativas.

A viagem foi uma grande decepção... Os imigrantes vinham nos porões dos navios, abarrotados, sujeitos a doenças e má alimentação, era comum surtos de piolho, cólera e sarampo. Muitos morriam durante a viagem e eram colocados dentro de um saco de pano e jogados ao mar.

Thomaz com seus pais e irmãos chegaram ao Brasil, provavelmente no porto de Santos. Foram levados para a uma fazenda no distrito de Andes pertencente ao município de Bebedouro/SP. Instalados na colônia da fazenda, os imigrantes chegavam endividados, teriam que restituir ao fazendeiro toda a despesa da viagem de navio, traslado para a fazenda, acomodações... Por algum tempo não eram remunerados, pois tinham que ressarcir a dívida com o fazendeiro. Mesmo assim os fazendeiros davam bonificações, gratificações...

Já instalados na colônia, o fazendeiro fez uma reunião com os colonos para explicar suas obrigações, salários e gratificações. O fazendeiro distribuiu os instrumentos de trabalho de cada um.

Thomaz pensava feliz que o trabalho era para os adultos, pensava que seria fácil iniciar seus estudos, iria receber o seu material escolar e a matrícula em uma escola de Bebedouro, mas... Recebeu uma enxada. Ficou triste e quase chorou! Não! Não chorou “porque homem não chora”. Chegou a pensar que teria feito melhor negócio se tivesse ficado na Espanha.

Passado o susto... Levantou os olhos olhou para aquela grande fazenda, admirou aquele lindo cafezal e pensou: “eu vou um dia ter uma fazenda igual a esta”. A partir daquele momento fez do cafezal a sua escola e cada dia de trabalho era uma nova lição aprendendo o manejo do café

Thomaz guardava todos os seus salários e gratificações. Não tinha despesas. Morava com os pais.

Com suas economias, começou a comprar pequenos pedaços de terra até chegar o dia em que comprou um pequeno sítio com cafezal produzindo.

Progrediu mais um pouco, vendeu este sítio e comprou uma fazenda mediana em Ariranha/SP. Não era a fazenda do seu sonho.

Thomaz Vicente Vicente casou-se com Joana Garcia Vicente em 18/05/1912. Joana era uma espanhola imigrante vinda da província de Andaluzia (sul da Espanha). Ele com 25 anos e ela com 19 anos de idade. Moraram nesta fazenda de Ariranha uns nove anos e tiveram três filhos: Rosalina (16/03/1913); José Vicente Vicente (09/05/1915) e André (20/08/1917).

Continuou trabalhando e com as suas economias conseguiu comprar a fazenda dos seus sonhos em 1920. A Fazenda Canjiquinha no município de Pindorama/SP. Fazenda imensa onde produziu muito café. Bom administrador e profundo conhecedor do trato com o cafezal, tornou-se um homem rico e respeitado. Passou de colono à prospero fazendeiro.

Na Fazenda Canjiquinha nasceram os filhos: Encarnação (12/06/1920); Maria (05/03/1922); Orlando Miguel (31/05/1924); Sebastiana Olinda (20/01/1927) e Oswaldo (23/07/1934).

Por volta de 1932, a cultura do café passou por uma crise, os preços e a qualidade já não eram as mesmas do passado. Ficou desgostoso não estava rendendo o que ele estava acostumado.

Thomaz sempre priorizou a qualidade de vida da família.

Vitor Labate, um comrade seu da cidade de São Paulo/SP sugeriu que ele mudasse para lá. Deixou a Fazenda Canjiquinha sob os cuidados de um administrador e alugou uma casa na cidade de São Paulo. Nasceu, então, a filha caçula Odair em 04/08/1937.

São Paulo oferecia poucas oportunidades de empregos para seus filhos criados em fazenda e resolveu voltar com a família para Pindorama/SP.

Em 1939 após conversas com os herdeiros do Coronel Joaquim de Lima Moreira, ficou sabendo do loteamento da Fazenda Palmital nos confins do sertão do noroeste paulista. Fez uma primeira visita para conhecer o local em julho de 1939.

Thomaz Vicente Vicente, viu e gostou. Pesquisou, analisou, pechinhou e acabou comprando 550 alqueires, ao preço de 80 mil réis o alqueire localizado na cabeceira do córrego da Laranjeira. Destinou 50 alqueires para Ângelo Scarpin, um empregado seu na fazenda de Pindorama, pessoa qualificada e que o ajudou muito. Thomaz deu a ele como gratificação pelo companheirismo este pedaço de terra.

No início de 1941 vendeu a Fazenda Canjiquinha e em 1942 mudou-se com a família para São José do Rio Preto/SP por ser, à época, a última cidade onde a estrada de ferro Araraquarense chegava.

Ele queria ver a terra produzindo, o grão brotando mas suas forças já não eram as mesmas da juventude, ele já não estava “dando mais conta”. Foi quando ele destinou 100 alqueires ao seu filho José Vicente Vicente que foi denominado “Fazenda Santa Luzia”.

Em 1942, Jose Vicente Vicente já estava casado com a Sra. Adelina Santa Geraldini Vicente (“Dona Idalina”) e com seus filhos foram morar e trabalhar nestas suas novas terras.

Em 1944 Thomaz Vicente Vicente doou 20 alqueires para a fundação de Palmeira d’Oeste. Ele era só alegria! José Vicente era o filho mais velho. Seu filho André havia ficado em São Paulo/SP e fazia uma imensa propaganda de Palmeira d’Oeste. Ele era locutor da Rádio Bandeirantes e diariamente veiculava o seguinte anúncio: **“O Brasil cresce! Palmeira d’Oeste mais uma cidade que surge, a mais jovem cidade para os jovens do Brasil”**. Thomaz era só alegria quando seu filho José Vicente Vicente cravou na terra de

Santa Luzia o cruzeiro de madeira que era o marco de fundação do patrimônio, dia 13/12/1944! Houve rezas, muitos fogos, tiros para o alto como se estivessem pedindo a Deus que olhasse para a nossa terra e para nossa gente sob a proteção de Santa Luzia escolhida pela “Dona Idalina” sua santa de devoção.

No início de 1946, Thomaz Vicente Vicente, aos 58 anos de idade, foi diagnosticado com câncer numa época sem os recursos da medicina de hoje. Sofreu muito e num triste dia (28/08/1947), aos 60 anos, a doença o venceu. Faleceu, diante da presença de todos os membros da sua família, em sua residência de São José do Rio Preto/SP.

Pouco tempo depois da fundação do patrimônio de Palmeira d'Oeste, Thomaz adoeceu e já não marcou mais sua presença e esta é uma das razões pelo qual ficou esquecido.

Thomaz Vicente Vicente deixou um legado, uma história bonita de amor a terra que o adotou como filho e lhe deu todas as oportunidades para que se transformasse no homem que foi. Um homem de amor incondicional a família e de desprendimento. Quando Palmeira d'Oeste foi fundada ele estava bem de saúde e deu todas as condições e meios para que seu filho José Vicente Vicente recebesse os louros de fundador da cidade de Palmeira d'Oeste.



Thomaz Vicente Vicente dando instruções sobre o manejo do cafezal para os funcionários de sua fazenda

Joana, a sempre companheira de Thomaz, desde a sua adolescência, era mulher de muita energia, fé e amor. Joana foi o esteio de seu esposo Thomaz e da família.

Thomaz Vicente Vicente e Joana Garcia Vicente são as raízes da numerosa família Vicente: 09 filhos; 25 netos; 50 bisnetos; 52 trinetos.



Joana Garcia Vicente e Thomaz Vicente Vicente
1930 - Na basílica antiga de Nossa Senhora Aparecida.
Foram cumprir promessa para a cura de um funcionário da fazenda



Hermenegildo Jose Ferreira
2024

José Vicente Vicente
Protagonistas da história de Palmeira d'Oeste



José Vicente Vicente
O fundador de Palmeira d'Oeste/SP

José Vicente Vicente, o homem que sonhou e fundou uma cidade nos confins do sertão do noroeste paulista: Palmeira d'Oeste.

Nasceu em 09 de maio de 1915 no interior da fazenda de seu pai em Ariranha/SP. Segundo filho do casal de imigrantes espanhóis: Thomaz Vicente Vicente e Joana Garcia Vicente.

Cresceu no ambiente duro do meio rural entre terras, chuvas, sol, plantações e colheitas...

Casou-se com a Sra. Adelina Santa Geraldini Vicente (“Dona Idalina”) em 24 de junho de 1936 na cidade de Pindorama/SP onde residiu na Fazenda Canjiquinha, de propriedade de seu pai, até meados de 1943.

Seu pai, Sr.Thomaz comprou dos herdeiros do Coronel Joaquim de Lima Moreira, parte da Fazenda Palmital (área de 550 alqueires) em 1939 com a intenção de desenvolver a cultura cafeeira nesta sua nova propriedade.

Por volta do ano de 1941, aqueles que vinham, com caminhão, de São José do Rio Preto/SP, em direção a Fazenda Palmital viam no caminho a mata aumentando e umas poucas vilas em formação. Gastava-se uns dois dias para chegar a vila de Jales, e depois de Jales eram mais uns cinco dias, limpando a picada do mato, para se chegar na sede da Fazenda Palmital.

José Vicente Vicente recebe a incumbência de ajudar seu pai na formação das terras compradas, e destes, seu pai destina-lhe 100 alqueires que ele nomina de Fazenda Santa Luzia.

No início de 1943 passa a residir na Fazenda Santa Luzia numa casa de pau a pique, junto com sua esposa “Dona Idalina” e as filhas: Yvonne com seis anos, Célia com cinco anos e Sonia recém-nascida.

Iniciou a formação da fazenda, desmatando, iniciando a plantação da lavoura de café e estabeleceu uma olaria.

Estava nos seus planos a fundação de um “patrimônio” dentro de suas terras; daria o nome de Nova Pindorama em homenagem a sua cidade de origem.

Pindorama: Terra das Palmeiras ou Espetáculo das Palmeiras. Palavra originária da língua Tupi.

Orestes Ferreira de Toledo, conhecedor de toda a região pois foi o agrimensor que demarcou a Fazenda Palmital, observou que na Fazenda Santa Luzia de José Vicente havia um ótimo local para se fundar um patrimônio, devido as condições geográficas e topografia do terreno. Certo dia de 1944, na porta do rancho do Evaristo Silva, encontrou-se com o Sr. Thomaz e seu filho José Vicente e fez a sugestão para eles fundarem um patrimônio, o que foi aceito de imediato.

Foi doada a área de 20 alqueires e Sr. Orestes foi contratado para fazer a demarcação dos lotes, ruas, avenidas e praças. O patrimônio, por sugestão do Orestes e acatado por Thomaz e José Vicente, se chamaria “Palmeira d’Oeste” devido ao grande número

de palmeiras no local (principalmente palmeira gairóva (guariroba)).

No dia 13 de dezembro de 1944, com a presença de Thomaz Vicente Vicente, Orlando Miguel Vicente e um grupo de pioneiros, o patrimônio de Palmeira d'Oeste foi oficialmente fundado por José Vicente Vicente e Santa Luzia tornou-se sua padroeira. “Zé Vicente” escolheu este dia por ser o dia de Santa Luzia, a santa de devoção de sua esposa “Dona Idalina” e sua também. Foi erguido e incrustado no chão um “cruzeiro” de aroeira seguido da reza de um terço e o espocar de rojões e tiros de espingarda, revolveres e carabinas. Este “cruzeiro” foi fincado onde é o marco zero de Palmeira d'Oeste, na Praça José Vicente Vicente.

Coordenadas do marco zero, local onde foi fincado o cruzeiro no dia da fundação de Palmeira d'Oeste:

S 20° 25'00” latitude;

W 50° 45'43” longitude.

Altitude: 433 m.

Área do município: 318,74 Km².

José Vicente Vicente é descrito por aqueles que conviveram com ele como uma pessoa forte, amorosa, de bom coração... Por outro lado, às vezes era de rude franqueza, intempestivo, impulsivo, desabusado...

Em 1954, sua esposa “Dona Idalina”, diante do comportamento errático do marido, torna-se uma mulher desquitada e com os filhos deixa Palmeira d'Oeste.

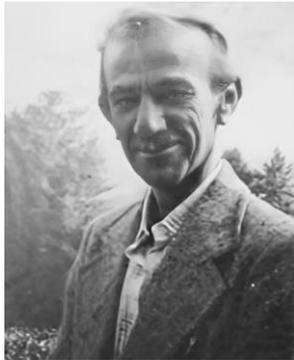
José Vicente Vicente, faleceu tragicamente no dia 25 de julho de 1957, assassinado, com arma de fogo, pelo Sr. Félix Damas em função do envolvimento amoroso com uma de suas filhas, seus atrevimentos e abusos. Faleceu, deixando marcas de seu sangue, numa calçada da avenida Euclides da Cunha, há poucos metros do local onde fincou o “cruzeiro” por ocasião da fundação de Palmeira d'Oeste.

Hermenegildo Jose Ferreira



Hermenegildo Jose Ferreira
2011

José Roveri
Protagonistas da história de Palmeira d'Oeste



José Roveri

José Roveri é um personagem de fundamental importância para o desenvolvimento da cidade de Palmeira d'Oeste. Nasceu em Pirangi, Estado de São Paulo em oito de dezembro de 1917, filho caçula de família rica. Perdeu seu pai aos quatro anos de idade.

Com a crise internacional de 1929 as riquezas da família, assim como de tantas outras, rolaram água abaixo. Mas o pior estava ainda por acontecer, sua mãe Adelaide e um irmão foram acometidos pelo “Mal de Hansen” e tiveram que ser internados e isolados. Naquela época essa era uma doença terrível e estigmatizante.

Foi, então, morar com a sua irmã Ermelinda que havia se casado com o Antoninho, um farmacêutico; dele ganhou o gosto pela leitura e pela sua profissão de farmacêutico.

Quando Concluiu seu curso de farmácia (Provisionamento) pensou em procurar novos rumos. Sua irmã e seu cunhado não queriam de modo algum que ele se embrenhasse pelo sertão. Acreditando no ditado que diz: **”vale mais ser dono de um barco do que comandante de um navio”**, recusou o convite de uma importante rede de farmácias para comandar uma de suas unidades, e aos 28 anos, aceitou a proposta de seu primo Ângelo Galetti de montar uma farmácia numa vilazinha que estava se formando além da vila de Jales. Não possuía sequer estradas, uma vila naquele resto de sertão bravo de terras boas para a agricultura.

Em janeiro de 1945 a vila pode contar com o seu segundo morador e com a sua primeira farmácia, conduzida por um profissional qualificado, culto e determinado. A farmácia e também sua residência era um imóvel modesto de madeira localizado onde atualmente está o Ginásio de Esportes Sérgio Neves Ponce na Avenida Antônio Fernandes Garcia em frente ao número 49-55.

Casou-se com Alaíde Ribeiro em 10 de junho de 1948. José Carlos Roveri, único filho, nasceria em 1953.

Conta Esmeraldo Antônio Ribeiro, seu cunhado, que para realizar o casamento foi preciso vir da Vila de Jales, numa “chimbica” alugada, o escrevente de cartório “Manoel Pantaleão”.

José Roveri organizou e presidiu a comissão para lutar pela emancipação política de Palmeira d'Oeste. Ele e muitos outros trabalharam muito, por anos na década de 1950 e finalmente em dezembro de 1958 foi criado o Município de Palmeira d'Oeste.

A luz da lamparina ou do lampião era a luz que iluminava o interior das casas nas noites do sertão. Havia sido assim aqui também, até José Roveri, junto com alguns amigos batalhadores da época, conseguir com a colaboração do Deputado Federal Aloysio Nunes Ferreira instalar um gerador de energia elétrica movido por um motor a óleo diesel.

O gerador foi instalado num amplo terreno localizado na Rua 15 de Novembro na altura do número 50-70. Funcionava quase todos os dias das 17:00 às 23:00 horas. Quando ocorria quebra no sistema, a manutenção era difícil e às vezes demorava alguns dias para ser consertado.

Com o progresso do município, José Roveri prosperou. Comprou um lote na Rua Brasil, nº 48-79. Construiu na frente um salão amplo para instalar a sua nova farmácia e no fundo sua residência.

No tempo em que o café “valia ouro” adquiriu uma pequena propriedade em Palmeira d’Oeste, um sítio, onde produzia café. Perseverante e sonhador adquiriu, mais tarde, uma fazenda bruta em Rondonópolis, Estado do Mato Grosso. Esta fazenda viria a ser considerada uma fazenda modelo, uma fazenda exemplar, e seria divulgada por ordem do governo federal em filmes por todo o Brasil.

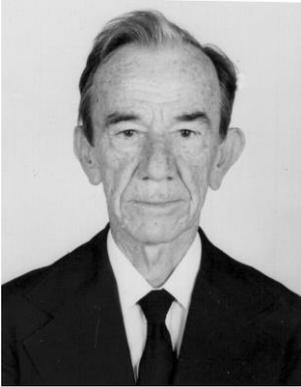
A história de José Roveri caminha junto com a história de Palmeira d’Oeste até julho de 1971, quando ele “novamente voou, voou bem mais alto” e mudou-se para Rondonópolis.

Escreveu o livro de memórias: **“Onde canta o sabiá – sonhos de um boticário do sertão”**, obra de leitura muito agradável. É o sertão vivido por José Roveri. Em parte desse livro ele conta fatos que levaram uma vilazinha do sertão a tornar-se uma cidade. Foi um dos protagonistas da história de Palmeira d’Oeste. É descrito pelos que tiveram a felicidade de conviver com ele como sendo um homem desbravador, incansável, elétrico, um serelepe!

José Roveri faleceu no dia 05 de setembro de 2003, aos 85 anos de idade, na Cidade de Cuiabá, Estado do Mato Grosso.



Década de 1950 - Parte da comissão que lutou pela emancipação de Palmeira d’Oeste em visita ao governador Jânio Quadros. Da esquerda para a direita: Juvenal Vicente de Oliveira, Antônio Fredi, Carlos José da Graça Veiga Carlson, José Roveri e Brulino Martins Gonçalves



José Roveri
1996

Onde canta o sabiá
Sonhos e memórias de um boticário do sertão

Uma odisséia

Viajei na carroceria do caminhão do Sr. Thomaz Vicente durante três dias, guiado pelo seu filho Orlando. Começava aí a grande odisséia. Janeiro, do ano de 1945, dia de São Sebastião, data da minha chegada a aquela vila. Durante a viagem tudo era muito confuso para mim, tudo muito estranho e triste: para trás ficaram minha família, meus amigos, minhas namoradas. Uma viagem talvez sem volta: essa era minha intenção, não voltar.

O caminhão parou diante de uma casinha de madeira que seria a minha morada, onde instalaria também a farmácia, ali naquele lugar diferente que nem sequer era uma vila. Uma única rua denominada Marechal Cândido Rondon. Naquela Rua só existia a minha casa e um pouco adiante uma choupana de pau a pique, só. Seu morador chamava-se João Siqueira, caboclo vindo de não sei onde, desconfiado, mas cordial.

Ainda em cima do caminhão lembrei a família, os amigos, a cidade onde nasci, meus Natais, Ano Novo, minhas festas juninas, minhas namoradas, tudo ficara para trás, tudo. Tudo passou como os carnavais da vida, como as andorinhas que emigram já no fim do verão e que talvez não voltem nunca mais. Pois ali, ainda em cima

daquele caminhão eu divagava. Na minha cabeça um redemoinho de pensamentos confusos. Em pé estava o desbravador, Ulisses na sua Odisséia, com um chapéu coco na cabeça que havia ganhado do Chiquinho Jozzolino, antes de partir para a grande jornada. Tudo levava a crer que seria uma jornada cruel de fato, como acabou sendo.

No dia seguinte comecei a montar a minha pequenina farmácia. Na parte da frente, a farmácia; na parte de trás, o meu quarto e a cozinha.

A pequena vila levou o nome de Palmeira d'Oeste, sua padroeira era Santa Luzia, a santa que nos protege os olhos. Assim me ensinava minha avó Maria Galletti, da mesma cidade do pai da poesia italiana, Dante Alighieri (1265-1321) e de Virgílio, o mais célebre dos poetas latinos, nascido nas proximidades de Mântua, cidade onde nasceu meu pai.

A minha era uma ruazinha modesta como diria o poeta, faltava a deusa que tinha ficado para trás. A farmácia já estava montada: agora era só começar a atender os doentes, que só apareceriam de vez em quando: pernas quebradas, crianças opiladas, mocinhas que se queixavam por intermédio de suas mães, que ainda não haviam sido menstruadas, partos...

Tornei-me um bom parteiro por força das circunstâncias. Trazia comigo alguns conhecimentos sobre o assunto. O Dr. Clementino Canabrava havia sido o meu orientador; viajava com ele pelas fazendas e sítios, no seu trabalho de parto, principalmente. Eu olhava com atenção os movimentos hábeis daquelas santas mãos, mãos daquele a quem minha cidade muito devia pelo seu desprendimento para com os humildes e amor aos pobres.



Orlando Miguel Vicente

Destino: boticário

Chovia muito naqueles últimos dias de janeiro. Sozinho, sentado num banco de madeira que mandara fazer, e que conservo até hoje em minha fazenda como lembrança.

Em minha cabeça tamborilavam recordações. Em meus pensamentos surgiam imagens do meu passado distante, quando ainda criança, minha mãe fazendo cafuné em minha cabeça raspada, sentada no assoalho da varanda de nossa casa. E eu deitado ao seu colo, e ela dizendo: “Zezinho, quando você crescer vai ser farmacêutico, se Deus quiser, pois o Antoninho da Farmácia vai casar com a Ermelinda e você irá morar com eles”. Aconteceu. De meu pai, pouca coisa ficou na memória, muito cedo ele se foi, morreu cedo, e eu quase nada lembrava dele, estava apenas com quatro anos de idade. Ficou minha mãe, viúva, mulher de muita fibra e grandes decisões.

Dia 22 de fevereiro de 1946, o tempo passava implacável e lerdo. Passei a conhecer algumas pessoas dos arredores. Meu nome crescia e a notícia corria para longe. Já havia alí na vila um farmacêutico para atender aos doentes daquela região do sertão.

Picado de cobra

Aos domingos, eu passava o dia na fazenda do meu primo Ângelo Galletti. Era um lugar bonito e alegre. Ele havia trazido de Pirangi algumas famílias e ali, então, formara uma colônia onde eu me divertia nas tardes de folga.

O meu primeiro cliente foi Julio Ressude, garoto de 10 anos aproximadamente, trazido pelas mãos de seu pai, Sr. André Ressude. Havia adquirido malária em Auriflama, uma vila distante. O segundo doente foi o Nico Galletti: estava empanzinado. Apliquei-lhe ali mesmo um clister. Nunca me perdoou por aquela medicação.

Do outro lado da vila ficava a fazenda do Sr. Joaquim Moreira, homem de família tradicional de Ribeirão Preto. Aparecia constantemente pela minha farmácia montado em um bonito cavalo rosilho, cavalo de gente rica. Bom sujeito, muito jovial, aparentando uns 50 anos de idade, dono de enormes áreas na região. O Sr. Thomaz Vicente possuía uma área menor adquirida

do Sr. Joaquim Moreira e resolvera fundar uma vila sob a direção do seu filho mais velho, José Vicente, moço bem casado com a dona “Idalina” (Adelina Santa Geraldini Vicente), de família tradicional das bandas de Monte Alto, Estado de São Paulo. Seus filhos, Thomazinho, Yvonne e Célia viviam com os pais numa chácara próxima da vila.

A vilazinha crescia a passos lentos. Não havia gente suficiente para fazê-la crescer. Áreas enormes nas imediações do pequeno povoado, nas mãos de latifundiários cujas residências eram longe dali, à espera de melhores preços, emperrando o desenvolvimento da futura cidade.

Além da minha casa e do rancho do João Siqueira, já surgiram outros casebres de pau a pique. Eu torcia para que a vila crescesse e tudo enfim desse certo. Voltar jamais. O meu amigo Armindo Marques andou por ali para conhecer o lugar, ficou de voltar, mas não voltou. Não era fácil permanecer na terra.

Um dia fui chamado para ver um doente que havia sido picado por cobra, uma cascavel. Ajeitei as minhas ampolas de soro antiofídico e outros medicamentos e parti sertão afora, acompanhado por um guia. Após duas horas de cavalgada, aportamos na casa do Chiquinho Preto, pai do menino picado pela cobra. Chiquinho Preto era um homem de estatura muito pequena, espigadinho e fumava um grande cigarro de palha. O Zé, seu filho, todo inchado, sangrava pelo nariz, pelos olhos e ouvidos, fiquei pasmo. Comecei imediatamente meu trabalho: injeções de soro antiofídico, cinco ampolas ao todo. Passei o resto da tarde e a noite toda ao redor do doente. No dia seguinte, já apresentava melhoras. Voltei para casa, certo do dever cumprido, e confiante no resultado do soro. Um mês depois estava curado o meu cliente.

Os dias corriam mais rápidos, agora, mas as responsabilidades aumentavam. Quase não dispunha de tempo para divagações, poucos doentes, mas os poucos que apareciam me punham em polvorosa.

Os primeiros dias

Um belo dia, estava eu cuidando da minha horta, quando de súbito ouço uma voz: “Ó de casa”. “Venha para cá”, respondi: “Dê a volta pelo lado do pé de limão”. “Bom dia”, disse-me ele. “Bom dia”,

respondi. "O que há de novo (perguntei)"?. O homem logo dizendo: "Seu José, minha mulher está para dar à luz e está em gritos, gemendo, se contorcendo toda". "Para quando estão esperando o nascimento da criança"? "Diz a parteira que até amanhã de manhã, ela desocupa" Entrei para o meu quarto, enquanto o homem me esperava na farmácia. Consultei o meu velho "professor", o livro de Chernoviz. Com certeza, era eclampsia. Partimos; ele na frente montado em seu cavalo branco, entramos por uma estrada estreita que mais parecia um trilho. "Como o senhor se chama"? "Me chamam de Alagoano, sou nascido em Alagoas". Após uma hora de viagem, aproximadamente, chegamos. Algumas pessoas vieram ao nosso encontro; eram parentes. Entramos no quarto, uma mulher se contorcia aos gritos. Tudo indicava que a parturiente entraria em coma dentro de algum tempo. Meu Deus, por onde irei começar? De início, apliquei-lhe umas ampolas de um antiespasmódico que levava comigo para acelerar o parto. Seria com forceps. Não possuía um forceps, e nem seria permitido nessas circunstância, nem conhecimento possuía para usá-lo. Romper as membranas seria o remédio mais indicado. Dei o toque: o parto ainda demoraria muitas horas, nesta parte eu tinha absoluta convicção do que fazia, havia aprendido com o Dr. Canabrava. Então o remédio era lutar até que se aproximasse a hora do parto. Fui até à sala consultar o meu Chernoviz, livro de 1.104 páginas. imediatamente solicitei de algumas pessoas presentes mais esclarecidas, que a segurassem pelos braços, pernas e tronco, afim de imobilizá-la, evitando com isso possíveis machucaduras.

Posteriormente, um médico, meu conhecido, havia dito que em alguns hospitais do Brasil, a fim de poupar em parte a vida da parturiente, elas eram colocadas em gaiola de borracha. Se a versão era correta ou não, nunca procurei informar-me. Coloquei entre seus dentes um lenço enrolado afim de evitar danos maiores, mantendo a sua língua livre no interior da boca. Eu aplicava seguidamente compressas frias na sua cabeça. Após seis horas de luta contra a morte daquela mulher e da criança que estava para nascer, apliquei outra injeção com a finalidade de diminuir as convulsões. Sua pressão arterial estava muito alta e pela boca nenhum medicamento poderia ser dado. Apliquei-lhe uma injeção de um anti-hipertensivo e outras de Xantanon. As convulsões sucediam-se: será que essa mulher vai morrer? Meu Deus, pedi a ele que me ajudasse; pedi a Louis Pasteur, um dos maiores benfeitores da humanidade. Na cidade onde nasci,

todas as pessoas sabiam da minha devoção por aquele grande homem que muito fez pela Medicina. Pedi para que me iluminasse naquela hora difícil para mim. Mais um hora se passou; naquele recinto havia um ambiente de tristeza e de angústia. Tentei mais um toque e com alegria notei que a criança havia se deslocado mais um pouco. Que bom, vou salvar esta mulher e a criança. Para mim durante aquelas horas, era uma luta desigual; mas a criança estava na posição correta. O Dr. Canabrava havia me ensinado para que eu nunca aplicasse uma ampola de Pituitrina (a finalidade daquele medicamento era de provocar contrações uterinas) antes mesmo de que a cabeça da criança estivesse bem saliente e prestes a ser expulsa da vulva.

A natureza das dores da dilatação do colo anunciavam a proximidade do parto, A parturiente continuava se contorcendo dando saltos violentos sobre a cama, precisando revezar constantemente as pessoas que a seguravam, uma verdadeira luta contra a morte. Isso causava-me um desespero quase incontido, era preciso estar vigilante, as contrações uterinas avolumavam-se; era necessário estar atento aos diversos tempos do parto. Em geral, nas mulheres magras, é fácil reconhecer uma apresentação pela pelve, porque se sente a cabeça do feto através das paredes abdominais. Era o caso daquela mulher.

O seguimento inferior das membranas, impelido pelas violenta contrações, não podendo resistir à impulsão do fluido amniótico, rompeu-se; esse fluido saiu então com ímpeto, trazendo para o orifício do útero a cabeça da criança que se apresentava por esta parte. Com as subseqüente dores, a cabeça da criança avançava e foi franqueando o círculo do orifício uterino e o estreito abdominal, para entrar na vagina, que se dilatava, alongava; o períneo estendia-se e adelgaçava-se. Os esforços tomava grande atividade; isso acompanhado de tremores convulsivos e a parturiente aos gritos. Finalmente, por uma prolongada dor, a cabeça da criança foi expulsa da vulva; e depois de um curto intervalo, por uma nova dor, menos intensa que a antecedente, foi expelido o corpo da criança com o restante das águas que o útero ainda continha. Sentia-me aliviado, o pior havia passado, agora era continuar atendendo as convulsões provenientes da eclampsia. Permaneci mais um dia ao lado da paciente, aplicando-lhe anticonvulsivos e desintoxicantes, porque a eclampsia nada mais é do que uma toxemia gravídica. Esses sintomas são sempre caracterizados por espasmos convulsivos e

epletiformes.

Estava terminado o meu trabalho.

O Alagoano não sabia como agradecer-me. Pagou-me com alguns trocados, umas batatas-doces, uma penca de bananas e um frango. Senti-me grato e bem pago pelo dever cumprido.

Fama de boticário

Eu havia adquirido um lote na Rua Brasil. Já se visualizava uma pequena vila, mas estava longe de parecer uma cidade. Como boticário, minha fama aumentava. A família Scarpin já se encontrava lá, quando por ali cheguei. Família de italianos, numerosa e trabalhadora, possuía um sítio nas imediações adquirido de Thomaz Vicente. Os membros daquela família tornaram-se meus amigos e fregueses. O caçula da família, o Zé, viria a ser mais adiante, pessoa da minha confiança. Ainda menino começou a trabalhar comigo na farmácia, menino bom e tudo indicava que teria pela frente, um futuro promissor. Uma família oriunda de Pindorama, Estado de São Paulo, cidade onde morava uma moça minha namorada, garota bonita, muito inteligente, namoro platônico.

Eu havia pregado na frente da minha farmácia uma placa de madeira onde se lia: **Farmácia Santa Adelaide**, nome que simbolizava para mim algo da maior relevância, era o nome da minha mãe.

Seis meses depois, viajei para Pirangi para rever meus parentes. Corria lento o ano de 1946, mês de junho, fazia muito frio. Peguei uma carona no caminhão do Belarmino Galletti, meu primo. Viajamos três dias: estradas péssimas, verdadeiras picadas. Passamos por Jales, uma vila que mal despontava. Logo adiante, Estrela d'Oeste, um amontoado de barracos, Fernandópolis a pouco mais de oito quilômetros surgia com sinais de progresso. Votuporanga, cidade ainda maior, caminhava na frente das outras mostrando sua pujança. Depois, Cosmorama, Tanabi, Mirassol, São José do Rio Preto, Catanduva e finalmente Pirangi.

Lá estavam alguns dos meus amigos de tantas alegrias. Minha irmã Ermelinda não queria que eu voltasse para Palmeira d'Oeste, mas voltei, completamente abatido, combalido

moralmente, só procurava não demonstrar. Permaneci por mais dois dias em Pirangi.

Retornei a Palmeira d'Oeste, levando comigo mais medicamentos, uma tristeza infinita e sem perspectivas. Mais uma vez ficaram para trás meus amigos, a minha querida cidade de Pirangi onde me criei e passei parte da mocidade.

Fratura exposta

Eram quatro horas da tarde, quando chegou um homem, vinha num carro de bois, com uma perna quebrada (fratura exposta) e necessitava de atendimento médico. Ali mesmo, em frente à farmácia, iniciei meu trabalho. Dentro da farmácia era impossível manter o paciente porque o salão era muito pequeno, taboinhas de caixão de madeira, ataduras, enfim, tudo que era necessário para tal operação. Um homem por trás, mantinha o acidentado imóvel, segurando-o fortemente pelo tórax, enquanto um outra pessoa puxava pelo pé firmemente: assim consegui iniciar e terminar o meu trabalho com relativo sucesso. Um mês depois, o paciente estava andando normalmente. Seu nome era Belmiro.

Daí em diante, encanei muitos braços e pernas sempre com sucesso: mas sinceramente, não gostava de fazer aquele tipo de trabalho, não sei porque.

Quando de volta do meu passeio a Pirangi, trouxe comigo alguns livros interessantíssimos: A República de Platão, a Ética de Spinoza, Assim Falava Zaratustra de F. Nietzsche, A Crítica da Razão Pura, e A Crítica da Razão Prática, de Kant. Leituras exóticas que me atraíam e fascinavam.

Heróis do sertão

Numa manhã de sol, fui procurado por um moço que se dizia casado com uma jovem de dezesseis anos, filha de dona Luzia, uma argentina, mulher de Dom Vasco, também argentino, que por ali moravam já há algum tempo. A Jovem mulher estava grávida e necessitava de recursos médicos. Para lá me dirigi, pouco menos de um quarteirão distante da farmácia. Quando deparei com a parturiente, fui tomado de espanto: a mulher mal se mantinha de pé, anemia profunda, edema generalizado, gravidez, entrando para o

nono mês de gestação. Mais um grande "abacaxi", pensei: "Essa mulher não pode voltar para casa." disse-lhes: "Ela tem de permanecer aqui até depois do parto."

Eles estavam hospedados numa casa de sapé, pensão do João Siqueira. Sua mãe, uma mulher já idosa, espigada, provocando risos quando falava, sem papas na língua, foi logo levantando as vestes da filha para mostrar em que estado se encontrava sua filha, pálida, descorada, semelhante a cera, só edemas pelo corpo todo, uma falência total de hemoglobinas, de massa vermelha, fiquei horrorizado.

Levar para fora, nem pensar; assistência médica só em Votuporanga, a 120 quilômetros de distância. Como transportar a parturiente, se nem sequer havia um caminhão nas imediações? O caminhão do Angelo Galletti só aparecia por ali no fim do mês.

Quem não tem remédio, remediado está.

O Dr. Canabrava sempre me dizia: "Zé, nunca faça uma coisa, se você não tiver certeza do que está fazendo." Comecei aplicando 5ml no músculo diariamente de lloban, produto que estava fazendo sucesso, 20ml de glicose com vitaminas na veia diariamente e cápsulas de Anemotrat com ferro no almoço e no jantar, punções pelo corpo duas vezes ao dia para extrair a parte líquida que acumulava pelo corpo inteiro, coxas, barriga, pernas, vagina, etc... Tudo aquilo denunciava anemia profunda, isto é, diminuição dos glóbulos vermelhos do sangue. 1.000 partes de sangue, no estado de saúde, contém, termo médio, 110 partes de hemoglobina. O número 80 é o limite em que o vício do sangue passa a ser mórbido. A água aumenta no sangue à proporção que os glóbulos nele diminuem.

A anemia é caracterizada pela diminuição da cor da pele e fraqueza geral. Naquelas condições, como poderia aquela jovem mulher chegar a um final feliz? Minha luta era sem tréguas. A grande preocupação era em relação ao parto, não havia nenhum indício de sucesso naquele trabalho, mas continuava insistindo: uma transfusão de sangue seria o ideal naquele momento. Tudo não passava de sonho, continuavam as punções, aplicações de extrato de fígado no músculo e medicações à base de ferro via oral.

Certa manhã passou por lá o Anastácio, farmacêutico já de idade, abalizado profissional residente em Votuporanga, irmão da Carmem, minha querida cunhada, uma espanhola natural de Salamanca, casada com o meu irmão mais velho, o Vitório. Levei-o para

ver minha paciente. Ficou horrorizado com o que viu e me parabenizou pelo trabalho. Dizia-me ele: "Você deixou sua cidade natal com todo o conforto, para tornar-se herói neste sertão"! Retruquei: "Herói, não, mártir, isso sim"...

A mulher não tinha condições de ser transportada para Votuporanga, certamente morreria pelo caminho e perderia a criança. Aproximava-se o dia do parto.

Decorridos dezesseis dias de trabalho árduo, desconfortante, percebi em suas faces sinais de pequena melhora: ela alimentava-se relativamente bem, mas quando fazia punções nas coxas e vagina, eu caía em desânimo. Como poderia nascer uma criança, com a mãe naquelas condições?

Minha cunhada Camila, esposa do meu irmão Antoninho, já falecido, havia me dito que eu nunca seria picado por cobras venenosas, por estar constantemente acompanhado por guias espirituais muito evoluídos. Dizia-me ela: "Zé, tudo o que você fizer nesta terra dará certo". Essas palavras me estimulavam a prosseguir na minha caminhada: Minha mãe e Louis Pasteur não estariam presentes nessas horas difíceis?

Meu sobrinho Wilson Roveri, advogado, moço culto, membro da Academia de Letras da cidade de Ribeirão Preto, jornalista, radialista e espiritualista convicto, disse-me certa vez: "Tio Zé, esse negócio seu de contar com a ajuda do célebre químico é ilusão. Esse espírito é evoluidíssimo, jamais virá em seu auxílio, jamais teria acesso a um gênio como ele, esses espíritos muito evoluídos jamais se comunicariam com o homem da Terra", concluiu meu querido sobrinho. Concordei com a sua bonita exposição, mas continuei até hoje pedindo ajuda ao imortal cientista Louis Pasteur, e também à sua equipe, esta sim, em contato direto com os seres vivos da Terra, para atender em nome do titular, segundo o sobrinho.

Mais uma semana se passou. Aquela mulher, branca como cera, aparentava relativas melhoras, timbre de voz mais intenso, e o edema diminuía progressivamente. Na ponta de seus dedos já despontava uma tênue cor rósea. O seu débil corpo preparava-se para o parto. Fui chamado às pressas, pois o bebê deveria nascer dentro de alguns minutos. Corri para lá. O parto se processaria naturalmente. Talvez nem precisasse de meia ampola de Pituitrina. Nunca aplique essa injeção sem necessidade, dizia o mestre Dr. Canabrava.

A criança nasceu conforme meu diagnóstico: uma menina. A

jovem mãezinha apresentava-se calma: nada de anormal. Pelo meu trabalho nada recebi, pois a família era muito pobre. Deram-me, sim, um cavalo: um cavalo branco marchador. O animal fora adquirido de um sargento residente em Andradina. Seria de agora em diante, meu meio de condução, visitaria meus doentes montado num cavalo branco, como um garoto.

Mas, nem tudo eram flores: meu cavalo branco era às vezes um tanto indócil ou então, um saudosista. Fugia, não sei como, mas fugia. Por duas vezes foi ao encontro do seu velho dono, foi parar em Andradina a cento e vinte quilômetros dali. Inacreditável.

Alegria do amanhecer

Amanhecia. Uma barulheira infernal de pássaros anunciando o amanhecer. O ar da madrugada nos traz alegria, a noite nos causa nostalgia.

Naquela manhã entrou em minha farmácia um homem ainda moço e se apresentou: Edílio Ridolfo, dentista, e se dizia cunhado do Sr. Joaquim Moreira. Quando falava, tinha um sotaque Piracicabano. Tornamo-nos bons amigos, aparecia por ali, de vez em quando, morava próximo a Ribeirão Preto. Casado com dona Edite, mulher de educação aprimorada, professora de piano. O Dr. Edílio possuía uma grande área no Córrego das Laranjeiras, motivo das suas andanças por aqueles lados. Aparecera também por ali o Francisco Moreira, homem encarregado de administrar a fazenda do professor César Roselino, titular da Escola de Farmácia da cidade de Ribeirão Preto.

Caía a tarde lentamente, algumas estrelas já brilhavam no firmamento, nesta hora tudo era silêncio e tristeza, meus pensamentos estavam muito longe dali. Sentado na soleira da porta, meditava: voltar nunca mais. Teria de ganhar dinheiro, ficar rico, e dar mais conforto à minha mãe; isso tinha de acontecer, o caminho estava traçado. Nas minhas divagações, sentia as incertezas daquele sertão bruto. Com meus olhos umedecidos pela emoção, temia pelo futuro. Naquelas paragens as grandes áreas estavam nas mãos de latifundiários, isso impedia o desenvolvimento da região e da própria vila.

Já de noitinha, parou um caminhão de mudança em frente a minha farmácia. Era uma família vinda de Jardinópolis no Estado

de São Paulo. “O senhor pode me informar o caminho para a fazenda do Sr. Joaquim Moreira”? – perguntou-me o chofer. “Logo ali no fim da rua, passando a porteira já estarão na fazenda”.

Aquela criançada naquele caminhão dava-me mais alento; mais uma família para nos ajudar a cerrar fileiras na abertura daquele sertão bruto. O novo morador chamava-se João Antônio Ribeiro. Na penumbra da noite dava pra perceber em cima daquele caminhão, uma bela garota: apresentava uns quatorze anos de idade. Naquela hora foi tudo que identifiquei sobre aquela família que acabara de chegar. Mal sabia quem podia ser na minha vida aquela garotinha...

Novos tempos

O Francisco Moreira, não era parente do Sr. Joaquim Moreira, era cearense, homem de uma certa cultura. Permaneceu por ali algum tempo, desaparecendo em seguida com sua família lá pelas bandas de Goiás. Havia criado um caso com o alagoano por questão de terras.

A nossa vila deslanchava vagarosamente (1947). De Palestina, chegara com sua família, o Lió (Liovergílio Cardoso), bom baiano, político, amigo de Ulisses Guimarães, falava com forte sotaque. Sua esposa Dona Minervina, mulher esparolada, se dizia pertencer a uma família de homens valentes. Eles tinham três filhas e um filho, o Otaviano. O que aquele garoto iria aprontar dali para adiante, só Deus sabia.

A pequena vila tentava atingir espigão acima, mas diziam que a cidade não cresceria para aquele lado. Pouco me importa, já possuía lá em cima no espigão, um lote para construir minha casa no futuro. Aos poucos vinham chegando mais famílias, ocupando aquelas enormes áreas de terras férteis: eram os Pazine que chegavam, uma enorme família de italianos que vinham de Jardinópolis. Logo depois chegava a família Steka, também numerosa. A chegada da família Pazine, para mim foi uma noite de grande alegria. Ao todo oito caminhões.

Já noite fechada, lá no alto, no espigão, a estrada recém-construída ligando Jales a Palmeira d’Oeste iluminou-se toda. Era a apoteose de uma nova esperança, a glorificação de novos tempos.

Na manhã seguinte, levantei-me ao romper do dia, com o canto barulhento daquele galo atrevido que cantava desde muito antes do sol nascer, presente do meu amigo Evaristo Preto.

O filho da bailarina

Domingo, dia de missa lá em cima na capelinha construída pelo Ângelo Galletti, rezada pela mãe do Chiquinho Preto, aonde o povo ia orar. Era um domingo ensolarado, convite para a oração. Subi rua acima e para lá me dirigi com a intenção de assistir à missa. Lá, encontrei-me com Angelo Steka e toda a família, tornamo-nos bons amigos, eram descendentes de família italiana, lá das Minas Gerais, da cidade de Jacutinga!

Noite fria, eu ali encolhido, debaixo de bons cobertores que minha irmã Ermelinda havia colocado na minha tralha quando vim para cá, pensava no meu futuro. Futuro? Não estava fácil pensar nisso. Lá fora a noite era fria e calma. Um cachorro latiu bem longe, passos de cavalo que se aproximava. Alguém chegou, bateram na porta: “Ôu! farmacêutico pode me atender”? - “Quem é”? - “É de bem”, respondeu a pessoa: “Já vou”. Percebi pela fresta da porta, que era moço de cor negra. “Apeia, moço”. - “Obrigado”. Foi logo dizendo o que desejava: “Seu Tibúrcio mandou-me aqui para levar o senhor à casa dele que fica pra lá do Rio São José. O menino dele está doente e precisa ser medicado”, Olhei o relógio, onze e meia. “O meu cavalo é aquele ali”? - “É, sim, senhor”, respondeu-me. - “Cavalo marchador dos bons, dentro de três ou quatro horas chegaremos lá”. - “Longe assim, moço”?

Coloquei em minha maleta comprimidos de sulfa, poção de piremido, seringas, agulhas e outros medicamentos como prevenção. “Mas está frio demais, rapaz, vai gear esta madrugada”. Partimos. De quando em quando, passávamos por perto de velhos casebres de palha, cachorros aprontavam um barulho infernal.

Viagem comprida e demorada. Havia muitas estrelas no céu. Eu estava com um pulôver, camisa de lã por baixo e com uma capa-boiadeira que me cobria o corpo até os pés, e que me fora entregue pelo moço, a mando do Sr. Tibúrcio. “Você é filho dele”? - “Não, senhor, sou cria da casa. Seu Tibúrcio não tem filhos; mora com dona Carlota. O menino doente é filho de criação como eu”. Ele me conta que dona Carlota teria sido bailarina de cabaré lá pelas bandas de Três

Lagoas. Quando passávamos por alguma baixada, o frio aumentava. Tudo era silêncio. O barulho das patas dos cavalos faziam lembrar as batucadas da minha terra nas noites de festas. "Moço, está muito longe a fazenda do Sr. Tibúrcio"? "Faz horas que estamos caminhando, já é de madrugada"! - "Não, doutor, já está perto o Rio São José e logo mais estaremos lá".

A noite morria lentamente, e aos poucos anunciava o amanhecer; o frio nos fazia tremer descontroladamente. "Moço, vamos morrer de frio". "Estamos chegando, doutor". Suas orientações, eram precisas. Atravessamos uma porteira, entramos por uma invernada, passamos outra porteira, e de longe já se ouvia latidos de cachorros. Não há dúvida, até que enfim chegamos. Cães vinham ao nosso encontro em círculo, latiam sem parar. Lá vem o Sr. Tibúrcio. Passamos por mais uma porteira e estávamos no quintal bem em frente à casa da fazenda com o pomar logo atrás e suas enormes árvores, cajueiros, mangueiras dando um toque de beleza incomparável.

O Sr. Tibúrcio era um homem de idade avançada, mas forte, muito alto, com a características do verdadeiro caboclo brasileiro. Quando tirei a capa para poder apeiar do cavalo, notei nas pontas das minhas botinas, sinais de geada, e não consegui descer do cavalo, estava duro.

O Sr. Tibúrcio e outra pessoa ajudaram-me a descer do animal e fomos para cozinha nos esquentar à beira do fogão. Senti-me reanimado. Um enorme fogão, numa enorme cozinha, com pedaços de toucinhos dependurado parecendo bandeirolas de festas de São João. Dona Carlota veio cumprimentar. Trazia ainda traços de mulher bonita: não muito alta aparentando ser muito mais nova que o velho Tibúrcio. Boa pronúncia notava-se que fora mulher de muitas "vidas", conforme diziam por ali. "O meu doentinho está passando muito mal, mas primeiro, o senhor vai tomar café com leite e comer algumas roscas". "O senhor está um pouco abatido". Também, pudera, de lá até aqui, são aproximadamente 50 quilômetros, deve estar cansado". Havia naquela casa muita comida, requeijão, melaço de cana, coalhada, manteiga feita em casa. O calor do fogão e aquela alimentação haviam me dado um novo alento.

O casarão era enorme, como toda casa de fazenda daquela região. Após examinar com detalhe aquele garoto de seis anos, depois de auscultar devidamente os seus pulmões, concluí que se

tratava de uma infecção grave, estavam comprometidos os seus dois pulmões, tratava-se de uma pneumonia dupla. Permaneci por mais dois dias em volta do meu doente. Quando retornei, levava comigo um bom dinheirinho. Era para mandar para minha mãe.

Adeus à mãe Adelaide

Tempos depois, o Sr. Tibúrcio apareceu em minha farmácia queixando-se de muitas dores no nariz, costumava durante o dia tirar uma soneca lá no pomar, debaixo das mangueiras, proporcionando, assim, oportunidade às moscas varejeiras depositarem seus ovos na mucosa do nariz, transformando-se então, em larvas. A vareja é formada por uma massa branca de ovos colados à carne. Após ligeiro exame, constatei a presença de numerosos bernes no interior do nariz. Em seguida, com uma pinça, extrai 36 desses nojentos bernes, dos quais nunca me esqueci.

Nisso, alguém gritou lá da rua que o caminhão do Galletti estava Chegando.

Fui procurar notícias de casa com o primo Ângelo. "Zé, tenho uma notícia muito triste para lhe dar: sua mãe faleceu e o Antoninho mandou entregar esta carta a você". Senti o mundo desabar sobre mim. Encostado na carrosseria do caminhão, chorei, era o que restava fazer, só chorar. Fui para casa, fechei a farmácia, e me isolei no meu quarto.

Neste momento, em memória da minha mãe, transcrevo trechos de Versos do imortal poeta hindú, nascido na cidade de Calcutá no ano de 1861, e aí faleceu a 2/8/1941, Rabindranath Tagore:

O Chamado

"A noite estava escura quando ela partiu, e eles dormiam.

A noite está escura agora, e eu chamo por ela: o mundo está adormecido, e ninguém saberia, se viesses por um momento enquanto as estrelas fitam as estrelas.

Ela partiu quando as árvores florescia e a primavera começava.

*Agora as flores desabrocharam por completo, e eu clamo:
"Volta, minha mãe."*

As crianças apanham flores e as espalham, brincando descuidosamente. E se vieres apanhar uma florzinha, ninguém dará por isso”.

A garota da mudança

Num domingo fui à capela assistir à missa, mas não fui unicamente com a finalidade de rezar, mas também para observar de perto duas garotas que haviam passado em frente à minha farmácia rumo à capela. Não havia nenhuma dúvida, a morena era a garota da mudança que havia passado aquela noite pela farmácia; a loura era filha de um italiano da família Pazine. Ambas muito novinhas e bonitas.

À saída da missa, tentei conversar com elas e até consegui. As duas eram da mesma cidade no Estado de São Paulo: Jardinópolis. A moreninha chamava-se Alaíde. Namoramos alguns meses, passei a namorar em sua casa com a permissão do seu pai. Depois de algum tempo resolvi pedi-la em casamento. O casamento foi marcado para o dia 10 de junho de 1948.

O Augusto Brefere e o Ângelo Galletti foram escolhidos para testemunhas do casamento. Chegou o dia e fomos morar na minha casa de madeira, num cômodo atrás do salão da farmácia.

"Esta criança está com meningite, seu Garbiato, seu filho está muito mal". Febre alta, pulso batendo 100 vezes por minuto, rosto vermelho, convulsões, contratura, trismos. Mandeí colocar o mesmo na minha cama de casal, ficaria melhor assim. O rosto da mãe estava todo arranhado, criança se debatia muito. Não tinha dúvida, era meningite. Essa criança devia ser levada imediatamente para Estrela d'Oeste, lá havia dois médicos recém chegados. "Como, sr. Roveri"? Falou-me o pai da criança. "Não existe sequer um caminhão na vila". O jeito era tratar ali mesmo, com sulfas, em doses elevadas, poção de cloral, antiespasmódicos, analgésicos, antipiréticos, e constantemente consultando o meu Chernoviz e outros livros mais atualizados. Uma luta sem descanso. O mesmo ali na cama sempre protegido pela mãe, muito atenta e corajosa. Fomos noite adentro aplicando compressas de pano molhado em água fria sobre a cabeça, poção de piramido para baixar a febre. Trabalho danado estava dando aquele menino, lindo, louro, forte. Tínhamos que lutar, ninguém dormia. Depois de dois dias

de muito cuidado, graças às sulfas, o medicamento que salvara milhares de vidas na 2ª Guerra Mundial, estava curando aquela criança. Após cinco dias de tratamento ininterrupto, dei por encerrada minha missão; o garoto estava salvo. Solicitei aos pais que o levassem a um médico, a fim de saber sua opinião. Conseguiram uma condução e partiram para Estrela d'Oeste à procura de mais recursos.

"Qual o médico que tratou dessa criança"? Perguntou. "Não foi médico doutor, foi farmacêutico, foi o Sr. José Roveri". "Esta criança está curada, foi muito bem tratada, podem acreditar". E concluiu: "Doença muito difícil de ser curada". Passado algum tempo, tornei-me amigo daquele médico. Chamava se Eduardo Ribeiro do Valle.

O menino chegou

Aparecera por Palmeira d'Oeste um rapaz que dizia chamar-se Nelson Simão: moço bonito e chegava com uma vontade louca de trabalhar, de ganhar dinheiro. Foi à farmácia para conhecer-me. Sentou-se e foi contando sua saga: vinha de uma vila perto da cidade de Votuporanga, dizia ser tropeador. "Tropeiro"? Retorqui: "Não, é tropeador mesmo", replicou. "Mas você não leva jeito de quem é do mato", "Não sou mesmo, estou me demorando em Cardoso (demorar na gríria cabocla, significa morar por pouco tempo em algum lugar)". "O que trouxe você para estes lados"? "Fui informado que daqui a sete quilômetros, vão formar uma vila que levará o nome de Vila Marin". "Deixa disso, moço, lá não tem nada feito, nem uma casa, fique aqui conosco". "O José Vicente dará a você um lote para construir sua casa, garanto". Mas o jovem amigo não esperou pelo lote, foi logo comprando uma casa na esquina. Tornamo-nos bons amigos. Nossa amizade aumentou com o passar do tempo. O Nelson era um moço honesto, incapaz de falsear em suas atitudes.

Ali naquele sertão bravio, Nelson era o meu amigo de luta e de confidências. Turquinho danado esse moço! Boa pinta, não estava ali para fazer graça não, veio mesmo pra trabalhar. Sempre saíamos juntos pelos sítios montados em nossos cavalos e raramente íamos a Votuporanga.

Quando Alaíde ficou grávida pela primeira vez, aos quatro meses de gravidez, quase morreu: começou a sangrar e tudo levava a prever um provável aborto. Aconteceu mesmo o pior, abortou.

O Nelson tinha ido a São Paulo fazer compras e veio com ele sua mãe, uma espanhola, mulher ainda muito bonita, alta, de pele muito fina e branca. Logo depois viria seu Elias, seu pai. Dona Rufina foi quem muito nos ajudou naqueles dias terríveis, foram 3 abortos dentro de poucos meses. No terceiro deles, vi que eu ia perder minha mulher. Perdera a noção dos meus conhecimentos de parto, ficando completamente sem ação, imóvel, desesperado. Minha mulher morreria, com certeza: nem um tamponamento sequer ousava fazer. Os médicos costumam dizer que nunca tratam doentes de sua própria família porque ficam apavorados e sem ação. Estava perplexo.

Havia mandado buscar um avião em São José do Rio Preto, que falassem com o Zé Baiano e que viesse ele mesmo pilotando. Quando o avião desceu num campo improvisado na fazenda do Galletti, simultaneamente chegava de automóvel um médico de Estrela d'Oeste, o Dr. Paulo Carneiro, recém chegado àquela cidade. Assim, então, ela recebeu os socorros médicos de que necessitava. Depois que ela melhorou e a fim de evitar uma outra gravidez iminentemente perigosa, para evitar um novo risco, levei Alaíde para São Paulo para consultar com o eminente ginecologista Dr. Silas Matos. Daí em diante tudo correu bem; uma nova gravidez, agora com sucesso. Já quase no fim da gravidez levei-a para Pirangi, afim de ser atendida pelo Dr. Canabrava na casa da Ermelinda.

Nascia no dia 10 de março de 1953, o José Carlos; menino gordo e forte, moreninho como a mãe, irrequieto como o pai, também filho de Pirangi.

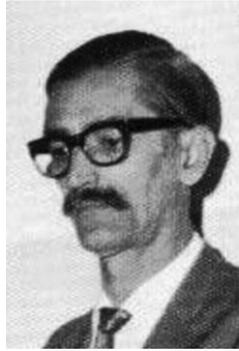
O Antoninho mandou-me uma carta narrando o acontecimento. Dias depois, fui buscá-los: minha mulher e o meu filho. "A beleza é a qualidade que torna as causas duradouras", dizia o poeta. Começava assim, outra etapa da minha vida: minha mulher, meu filho e uma intensa alegria de viver. Meu lar era ainda aquela casa de tábuas, mas logo passamos a morar num casa de tijolos que mandara construir, lá em cima, na rua Brasil, bem no centro da cidade, onde funcionaria a nova farmácia, nos salões da frente.

Bons tempos aqueles. Já havia na cidade várias casas comerciais de tijolos. Havíamos mandado construir uma igreja com sinos que anunciavam todas as tardes a hora da Ave Maria. Meu filho crescia com a cidade. Era um encanto ver aquela criatura, agora, já com dois dentinhos muito alvos e pequeninos.

Minha casa, toda pintada de branco, quase na esquina, perto do

jardim era um convite à alegria do sucesso. Na parte interior do prédio, ficava meu lar, o meu mundo.

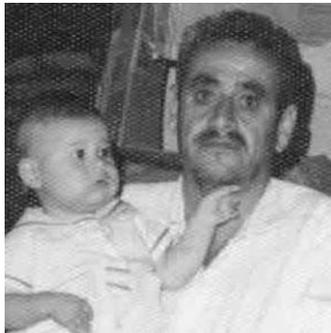
Pantaleão, o prefeito



Manoel Pantaleão

Eu havia criado um círculo de amizades muito bom na cidade. O Magid Calil, meu querido amigo, mais tarde compadre, mudou-se com a família para cá, sua mulher, Dona Aurora, seus filhos, Choe, Marão, Walter, Suad e Magida, uma família barulhenta, mas feliz, sempre adorei aquela gente.

O Magid deu duro para que Palmeira d'Oeste prosperasse. Outros bons amigos também fizeram o mesmo, João Gurian, João Missoni, Dr. Paulo, e muitos outros como o Braz e o Pantaleão. Sempre estivemos juntos em campanhas. Era uma graça fazer política com esses amigos. Criamos uma comissão para tratar de assuntos relativos à emancipação política, a criação do nosso município.



Magid Calil Haddad e seu neto Miguel Goulart Junior

Os dias mergulhavam cada vez mais profundamente no tempo. Fui nomeado presidente da comissão, largaram-me o “abacaxi” nas mãos e parti para a briga. Jales não queria nossa emancipação e com um trabalho por trás dos bastidores emperrava assim os nossos trabalhos. Tive atritos até com jornalistas do Diário de São Paulo, naquele tempo, um dos maiores jornais do país, por não quererem reconhecer-nos como autênticos condutores daquela jornada (eu era, na ocasião, correspondente daquele importante jornal, e ameacei deixar de representar aquele matutino na minha cidade). Sob pressão, a direção resolveu dar-me total apoio. Assim, depois de uma árdua luta, conseguimos nossa emancipação política. O município foi criado e lançamos o Pantaleão como candidato único. Assim foi eleito o primeiro prefeito da cidade. Tornei-me amigo do professor Loureiro Junior e de Plínio Salgado (ambos dotados de grande erudição), de políticos, pensadores, escritores e outros idealistas.

O distrito de Paz foi criado pela Lei Estadual nº 233 de 24/12/1949; o Município foi criado pela Lei Estadual nº 5.121 de 31/12/1958.

Palmeira d’Oeste atravessava uma fase áurea de progresso: eu já possuía uma casa, um sítio onde meu sogro, João Antônio estava plantando sete mil pés de café. O tempo era propício à luta: o estoque de medicamentos da farmácia era enorme, meu compadre Magid vinha todos os dias para falar sobre política.



João Gurian



João Missoni



Braulino (Braz)



Dr. Paulo

Diabo no corpo

Estive olhando fotografias da minha infância, cartas e fotos de meu filho, quando já estudante em Monte Aprazível, no colégio do padre Nunes, fotos da minha primeira comunhão entre meus amiguinhos de infância e padre Lourenço em frente à igreja matriz de Pirangi. Outra foto com vista parcial da cidade, outra, equilibrando em forma de pirâmide à beira do rio Tabarana com os meus amigos Filó, Anício Seba, Mauro Cremaschi e Ivan; uma outra do Augusto Bailão na praia da Moreninha do Rio de Janeiro datada de 14 de julho de 1941. Do Mário, meu irmão, com o Angelin Marconato de 26/11/1937. Numa outra foto, o José Carlos na Praça de Maio em Buenos Aires, e entre outras, uma da minha querida irmã Elvira com a Ermelinda e o Antoninho, meu cunhado, o Ivan com seu traje de formatura. Cartas enviadas pelo José Carlos, do internato, onde numa delas se lia: "Querida mamãe, dia 28, saímos, fomos à procissão na cidade e, na volta tomamos guaraná".

Aos sete anos de idade, antes de mandá-lo para a escola, eu e Alaíde fomos com o José Carlos à Argentina. Era a primeira vez que saímos do país. Embarcamos no navio Corrientes com rota Buenos Aires-Genôva, na Itália, e fomos conhecer Buenos Aires com uma parada em Montevidéo. Permanecemos por lá 10 dias, visitando La Plata, Cidade da República Argentina, Capital da Província de Buenos Aires; fomos também visitar a Cidade dos Meninos mandada construir por Evita Perón. Percorremos o delta do rio Paraná, região fértil e muito rica em frutas. Voltamos e recomeçamos a luta na cidade onde alguns anos antes era apenas mato e solidão, as noites eram iluminadas pela luz de velas, depois por motor a óleo diesel.

Desde a minha chegada a Palmeiras d'Oeste, lia muito, Platão, Spinoza, Voltaire, Nietzsche, Kant, Schopenhauer, outros como Beltrand Russeal e Shakespeare, a Bíblia, Alan Kardéc, Segundo o Espiritismo, Hegel. Aprendi que o caráter do homem forja-se nas tempestades e asperezas da vida. E um homem só atinge sua plena estrutura moral por efeito de compulsões e sofrimentos. O próprio Nietzsche disse que a vida não foi criada para a felicidade e sim para as realizações. Em qualquer arte, para triunfar dizia Voltaire, é preciso ter o diabo no corpo. Sim, para triunfar é mesmo preciso muita luta e bravura e mais um punhado de conhecimentos.

Como as andorinhas

O Dr. Paulo Costa, médico recém chegado a Palmeira d'Oeste, já havia conquistado uma boa clientela graças à sua competência e honestidade. Éramos bons amigos e, sempre que podíamos, batíamos um bom papo sobre filosofia e política.

Conheci em minha vida um homem que me encantou: chamava-se: Mileno da Silva Té, aportou-se em nossa cidade sem ser anunciado, parou, olhou, ficou. Colocou uma placa na parede do lado de fora de um cômodo que alugara e dizia ser advogado. E era, um autêntico advogado. Cearense, natural de Fortaleza, um forasteiro que nos encantou. E mais, havia sido num passado recente, o Governador do Território de Rondônia, indicado por Ademar de Barros, ex-Governador de São Paulo. Honesto, brilhante como advogado, excelente como amigo, na tribuna um furacão. Certa feita foi solicitado a discursar num banquete de despedida de um insigne Juiz de Direito da Comarca de Jales. No dia da solenidade, esqueceu-se do grande acontecimento. Pela manhã apareceu em minha farmácia como de costume, começamos a conversar. Eis que de repente, de um salto, levantou-se, e falou: “Roveri, esqueci-me do convite para discursar no banquete de despedida do Juiz de Direito de Jales, vou discursar de improviso, até logo”. Vi quando ele dobrava a esquina e tomava um táxi. Lá se foi o distraído andarilho cearense.

No dia seguinte, pelas notícias vindas de Jales, soubemos que ele no seu discurso, havia comovido todos os presentes, levando o Juiz às lágrimas. Não muito tempo depois, sumiu o solitário amigo, deixando um recado para mim: “Ao Roveri, o meu adeus com minha estima e gratidão”. Como as andorinhas que se vão no entardecer do outono, também voou para longe aquela estranha pessoa, que tão bem soube ser amigo.

Um outro inesquecível amigo, o padre João Missoni com sua cultura, italiano alto, havia deixado a batina e se casado com a Chafica, filha de libaneses, era um autêntico amigo. Tinha um irmão, contava ele, que na Itália era assessor do Papa. Sentados no banco da farmácia, a conversa rodava sempre em torno de literatura clássica e moderna. Falávamos dos homens que mudaram a humanidade. Louis Pasteur dizia: “Um homem de ciência deve

pensar no que dirá dele nos séculos futuros e não nos insultos ou elogios que recebe em vida”.

O padre João afirmava nas suas teses teológicas, certos pontos que eu rebatia, como por exemplo: concordava que Galileu foi muito mais importante pelas contribuições que fez ao método científico do que propriamente pelas revelações físicas e astronômicas de suas obras. Foi violentamente criticado pelo teólogo, pelas descobertas das manchas solares. Havia na tese de Galileu a destruição da perfeição do céu e uma negação dos textos bíblicos. Assim nos divertíamos nas horas de lazer, idos dos anos 1950.

Já que estamos falando da minha vida, da minha aldeia, não poderia jamais de deixar de falar de Roberto Rollemberg. Alguém talvez já ouviu falar de pessoas que nasceram com a alma voltada para Deus? O Dr. Roberto pertencia a essa espécie de homens: fiel, inteligente, sincero e que acreditava nos amigos certos. Político autêntico, de postura inquebrável, idealista. Faleceu em 21/02/1995 e nós ficamos...

Rivalidade mortal

Não me lembro bem se era agosto ou setembro do ano de 1955, não lembro. Era uma tarde bonita de sol. José Carlos deveria estar com dois anos. Uma tarde amena na nossa cidade de Santa Luzia denominada Palmeira d'Oeste. A cidade, ainda pequena, estava em festa: era dia de jogo de futebol. A Rua Brasil, a principal da cidade, fervilhava de gente. Minha farmácia, toda de roupa nova, pois estava agora num prédio novinho, engalanada de branco com o nome de minha mãe, uma das poucas homenagens que pude fazer a ela ainda em vida, mas que infelizmente já não se encontrava entre nós. Estávamos naquela tarde assistindo todo àquele movimento festivo, era dia de disputa esportiva, era dia de futebol. O campo estava localizado bem lá no fim da rua. Eu, atendendo alguns fregueses, o jogo já havia começado. Palmeira versus Vila Marin, rivais de algum tempo, amigos, amigos, jogo à parte. Vila Marin era uma pequena vila fundada por Antônio Marin e seus filhos José e João. Mas amizade à parte, o jogo foi de uma forma cada vez mais agressiva e os ânimos se inflamavam. De

repente... Um grito na multidão, “Mataram um homem”. Na porta da farmácia, eu e Alaíde, avistamos lá na direção do campo uma avalanche humana que se avolumava e se aproximava. “Briga”, disse alguém do meu lado. No auge das paixões, aconteceu o pior: havia mortos e muitos feridos. Os gritos da multidão se misturavam com a poeira da rua, era um vendaval de paixões. Homens, mulheres e crianças em doida debandada se aproximando. Gritos de feridos carregados por homens naquele turbilhão de violência. Na voragem dos ânimos inflamados, eram aqueles homens impelidos para a luta armada, isto é, para a arma branca. Já se vislumbravam no meio da multidão desvairada, pessoas feridas a facadas, outras pareciam já mortas nos ombros de torcedores. E aquele arrastão se aproximava da farmácia, a única da cidade, uma localidade sem atendimento médico, nada que pudesse atender sete ou oito pessoas ao mesmo tempo. Alaíde advertiu-me para que fechássemos a farmácia imediatamente, era uma multidão de tresloucados que estava prestes, aos gritos, a invadir a farmácia em busca de socorro. Não atendi ao pedido da esposa, porque meu dever era atender aos feridos sem discriminação e na medida do possível. Aquela massa de gente insana, magoada, já havia tomado todo o espaço do salão da farmácia. Entre gemidos e gritos de dor, pediam socorro, eram quatro feridos gravemente, dois deles estavam sendo medicados por mim no laboratório, enquanto os outros dois aguardavam com dores alucinantes. E um outro homem já morto estendido sobre o banco. Tudo era confusão, havia começado a parafernália à beira do gramado entre torcedores. Uma facada atravessara os intestinos de um torcedor visitante. Pressentindo um provável inimigo, e que era seu próprio pai; procurando por trás envolvê-lo com os braços a fim de protegê-lo contra o inimigo que o ameaçava pela frente com um punhal, ele revidou com uma facada, sem olhar quem era, rasgando o ventre do seu próprio pai com um golpe fatal, enquanto outros se digladiavam no meio do campo numa barafunda total.

Eu não sabia como atender a todos: homens baleados, outros com os corpos perfurados por unhas, um rapaz tombado no chão, desmaiado, com hemorragia provocada por uma lâmina que atingira a clavícula, mulheres, crianças e velhos invadiam minha casa, lotando todos os quartos, banheiros e cozinha à procura de um refúgio, tomados por verdadeira alucinação. Uma cena dantesca.

Acontecimento triste e lamentável que por certo ficara na memória de todas as pessoas que presenciaram aquele horrível episódio.

Os anos mais frutíferos de minha carreira estavam despontando numa disparada de sucessos graças ao meu trabalho realizado até àquela data. Meu cunhado Esmeraldo já estava trabalhando comigo na profissão. Moço trabalhador, honesto, tudo indicava que teria um futuro brilhante pela frente.

Eu havia adquirido um sítio nos arredores da cidade a um quilômetro de distância, muito perto. Eram sete alqueires ao todo. Desejava plantar sete mil pés de café. Combinei com o meu sogro, João Antônio Ribeiro, e para lá foi ele com a família cuidar da lavoura com os filhos. Mas o tempo não ajudava, choveu muito pouco durante os três anos de formação do cafezal. No fim do contrato, mudou-se para a cidade, onde instalaria uma loja de tecidos.

A Companhia Cacique iniciaria a venda de terras de propriedade de um morador de Mirassol, terras ociosas num total de sete mil alqueires. Então começaram a chegar muitas famílias procedentes da região de Catanduva, os Secafin, os Sábio, a família numerosa do Zé Pequeno e tantas outras. Com seus pedaços de terras, plantavam café e tornaram-se prósperos. Em vista disso, a cidade ganhou nova onda de progresso. A família Secafin era composta por oito pessoas: Ricardo, Virgílio, Dioro, Lourdes (que posteriormente se casara com o Esmeraldo), Emília e Narciso. Os pais Antônio Secafin e sua esposa Erculina faleceram muito tempo depois.

Da região de Araçatuba vieram as famílias de japoneses. Entre elas a dos meus compadres Paulinho Adati, Yamanoi e Massuiama. De outras regiões vieram meus amigos Dr. Diógenes e prof. Sílvio.

O município se tornara um exemplo de comunidade, um verdadeiro modelo de reforma agrária, retalhado em lotes de cinco, dez, quinze, vinte alqueires e uns poucos de cinqüenta alqueires.

A cidade já possuía dois médicos, dois dentistas, dois hospitais, um posto de saúde, um posto de puericultura e um grupo escolar.

A cidade sorria vaidosa como uma menina moça, queria crescer, mais e mais, tinha gana de subir, voar alto, ir para bem perto das estrelas, como fazem os poetas, cantar, cantar a poesia

que revela a grandeza de ter nascido brasileira, cheia de encantos mil. Queria subir para o estrelato e ser coroada pelos deuses do Café.

Os amigos

A década de 50 ia ao meio. A cidade se beneficiara com a onda de progresso. Famílias vindas da região de Catanduva e de outros rincões e que haviam adquiridos seus lotes de terra, produziam muito café e ganhavam muito dinheiro.

Meu compadre Magid ia de vento em popa com sua loja "O Dragão das Sete Portas". Eu me regozizava com ele, porque o admirava e via nele um grande amigo, um amigo inesquecível. Tempos depois, tornamo-nos compadres. Quando a Suad, sua filha mais velha, se casou, eu e Alaíde fomos testemunhas de casamento. Seus outros filhos, Choe, Walter, Marão e Magida, completavam sua prole, meninos que muito orgulhavam seus pais. A comadre Aurora, sua esposa, era a mulher ideal, companheira e mãe.

Os anos corriam rápido. Naquela manhã quente de outubro, como de costume, desci pela Avenida Euclides da Cunha, apanhei a estrada que passava em frente ao meu sítio, e para lá me dirigi. Atravessei o córrego, passei pela sede do sítio, subi carreador acima afim de dar uma olhada no cafezal e conversar com o empreiteiro que se encontrava logo ali no começo do carreador, carpindo. Passava por lá naquele momento o Vítor Preto, domador de cavalos. Conversava com o empreiteiro e sabia que ele gostava de tomar uns tragos de aguardente. "Vitor, você me empresta o seu cavalo para que possa dar uma olhada numa mudas de café recém replantadas lá em cima, no alto do carreador"? "Pois não, seu José, o cavalo é seu", disse-me num tom de amizade. Ao montar no animal, sem ter tido tempo de me assentar no arreio e nem sequer segurar firme nas rédeas, o cavalo saiu numa louca disparada. Sem equilíbrio em cima dos arreios, fui lançado a distância, caindo sentado no meio do carreador. Caí sentado, sentindo que perderia a vida: dores horríveis, o fôlego acabava. E naquele ato, não conseguindo respirar, pressenti a morte, era o fim. Vieram em meu socorro, o empreiteiro e o Vítor Preto. Jogaram-me água fria no rosto e levaram-me até à portaria da fazenda. De lá, fui levado para Jales. Internado na Santa Casa, fiquei sob os cuidados do

Dr. Eduardo Ribeiro do Valle, meu amigo e companheiro de jornadas políticas.

À noite, ele não quis que permanecesse na Santa Casa, levou-me para sua casa. Poderiam descuidar de mim. Colocou-me numa cama na sala, bem em frente à porta do seu quarto. Em razão das fortes dores que me castigavam, me avisou: "Roveri, você está realmente mal, não pode continuar sentindo fortes dores, o tombo do animal foi violento. Bata à porta assim que necessitar".

Passei dores horríveis durante toda a noite. Pela manhã, bem cedo, levantou-se, dirigindo-se a mim, perguntou como eu estava. Pelo meu aspecto percebeu que as dores continuaram noite adentro. "Roveri, porque não me chamou? Você não tem juízo, não tem jeito, não. Trouxe-o para perto de mim para ser atendido quando fosse preciso e olha só o que você me aprontou".

Depois daquele puxão de orelhas, fiquei mais um dia sob seus cuidados e voltei para casa com a condição de, se não melhorasse, ir a Rio Preto passar por exames radiológicos.

Em casa, não melhorei. Meus amigos aconselharam-me a sair imediatamente. O Renê Barbur, amigo de lutas políticas, amigo sincero, quando por lá aportava, era em minha casa que ele ficava, foi logo dizendo: "Roveri, sobe devagarinho no meu carro e vamos para São José do Rio Preto". Partimos, meu sogro nos acompanhou. Lá recebi tratamento adequado: radiografias, outros exames, enfaixaram-me, mas ainda sentia dores. Voltei com o Renê, e tive que permanecer em repouso por muitos dias.

Dias depois soube que o animal estava sendo amansado, era chucro. E quem pagou por isso?

Novos heróis do sertão

O ano de 1958 morria lentamente.

A década de 50 descambava para o fim.

Noite alta. Eu não conseguia conciliar o sono. Chovia lá fora...

Aqueles homens que estiveram aqui na semana passada, ficaram de voltar a fim de combinarmos uma viagem a Mato Grosso, na região do Alto Araguaia com a finalidade de mostrar-me terras baratas da região para que eu pudesse adquirir umas áreas bem

maiores que as minhas.

Sempre foi minha intenção obter uma grande fazenda naquela região. Minha caminhada prosseguiria, com certeza. O que importa é a luta, sonho que nasceu comigo. Desvendar novas fronteiras. Borrascas, depois vitórias deveriam acontecer em novas terras.

Brasília: nova era

No planalto goiano, a uma altitude de 1.000 metros, florescia a futura Capital do Brasil: BRASÍLIA, a maior obra de engenharia dos tempos modernos. Iniciada em 1956, durante o governo do então Presidente Juscelino Kubtscheck de Oliveira.

No dia 21 de abril de 1960, partimos para Brasília na sua inauguração: eu, Alaíde, José Carlos e o meu compadre Magid. Um evento memorável. Ali mesmo dentro do meu carro, nos alojamos como pudemos, pois acomodação em hotéis era impossível, todos lotados.

À noite, após a posse do novo Presidente da República, fomos assistir ao maior espetáculo da terra, os fogos de artifícios, um turbilhão de estrelas produzindo vistosos jogos de luzes, reboando lá em cima no céu perto das estrelas, anunciando o surgimento de uma outra estrela, cá na terra.

O resto da noite passamos como pudemos. Retornamos no dia seguinte. A minha perua Willys, nova em folha, adquirida em Votuporanga por intermédio do Nico Galletti, rodava veloz, devorando estradas. Durante parte da viagem, eu contava ao compadre Magid a história heróica da minha “Coupê 46”, também adquirida em Votuporanga, anos antes de comprar as terras em Rondonópolis. Com ela fiz várias viagens a Mato Grosso, mas depois de algum tempo começou a dar problemas na estrada, enfiçava muito, nos meses chuvosos a coisa piorava muito...

Junto de Deus

Eu e Alaíde ficávamos meses na fazenda, acompanhando o trabalho dos empreiteiros, enquanto o José Carlos estudava num internato em Monte Aprazível, no colégio do Padre Nunes. Tempos

difíceis para nós, mas era preciso dar continuidade à minha obra, era preciso dar outro destino à minha vida. Às vezes Alaíde ficava em Palmeiras d'Oeste afim de dar ajuda ao Esmeraldo, na farmácia. Em outras ocasiões ela me acompanhava, então tornava-se tudo muito difícil. Deixar o filho era doloroso, mas necessário. Padre Nunes dizia que o canarinho estava bem guardado na gaiola, mas a saudade nos torturava. Padre Nunes era a exata personificação de Deus. Para nós foram os melhores anos que o nosso filho passou fora de casa, bem juntinho do Padre Nunes, bem juntinho de Deus, orando todos os dias na capela, mandada construir pelo próprio padre, onde ele seria sepultado, posteriormente.

Muitas vezes quando estávamos na fazenda, ele nos escrevia que iria passar as férias por lá, junto de nós e assim fazia. Quase sempre vinha com o meu amigo Manoel Tavares a quem eu dedicava grande admiração, vizinhos que éramos em Palmeiras d'Oeste. Com seu caminhão, vendia suas mercadorias pelas bandas de Rondonópolis e de outras cidades e vilas daquela região. O José Carlos, descia num vilarejo chamado Inhumas, que margeava a rodovia Brasília-Cuiabá, distante apenas oito quilômetros da fazenda e de lá ele chegava até nós montado no cavalo do vendeiro Waldemar, para nossa alegria.

Propostas e recordações

Um belo dia, chegou à minha casa em Palmeira d'Oeste sem que eu esperasse, o meu querido amigo José Lourenço dos Santos, o Zé Baiano. Vinha com uma proposta: levar para a minha fazenda, 300 vacas para repartirmos o lucro.

Zé Baiano era meu conhecido há muitos anos lá de Pirangi. Homem rico que começou a sua luta trabalhando como servente de pedreiro na construção da Igreja Matriz da cidade. Tempos depois, com o fruto do seu trabalho, comprou um automóvel e foi trabalhar como motorista de praça. Estimado por toda a população, honesto, não era homem de mentiras, nunca foi. Preferido pelo médico e prefeito da cidade, Dr. Canabrava Filho e por todos nós, mocidade atuante nas festas e bailes das cidades vizinhas, Zé Baiano fazia ponto com seu automóvel ao lado da farmácia do Antoninho onde eu trabalhava.

Contou-me que estava permutando um dos seus aviões com 300 vacas, mas o negócio só seria feito se eu aceitasse a proposta de deixar as vacas em minha fazenda (em Rondonópolis), repartindo os lucros. Estava acompanhado de um senhor, dono da fazenda de onde viriam as vacas e pretendia concluir ali o negócio. Disse-lhe que eu já havia formado muitos alqueires de pastos, mas que não estavam cercados, ele insistiu. Teria que dar um jeito. “Zé Roveri, alguém tem que ir lá e construir a cerca provisória”. Depois de muito relutar, consenti em mandar uns homens comandados pelo Esmeraldo, meu cunhado, a fim de levantar as cercas. Fiquei incumbido de levar para a fazenda as mencionadas vacas, por terra, isto é, levaria o Brás, meu peão, com alguns homens, para tocar o gado da fazenda Aricá, no Pantanal, até a minha fazenda em Rondonópolis. Assim concretizava aquele negócio que muito interessava ao Zé Baiano, e também a mim, que não esperava por tal acontecimento.

No ano seguinte, aumentou consideravelmente o número de cabeças de gado da minha fazenda. Continuava a derrubada de matas para formar mais invernadas.

Assim exigiam as circunstâncias, assim exigia a situação, nesse acaso a minha mudança para Rondonópolis. Minha intenção era mandar o Esmeraldo morar em Rondonópolis, onde eu montaria para ele, uma farmácia. Ele recusou. Então o remédio era mesmo mudar-me para lá.



José Lourenço dos Santos (“Zé Baiano”)

Afinal, Rondonópolis

Já decorridos dez anos da compra da fazenda. Aproximadamente metade já estava desbravada: invernadas, pontes, um curral muito bom, cercas e cochos cobertos, trechos de estradas concluídos, gado sadio, que aumentava sem grandes perdas, para minha alegria. Um trabalho constante desenvolvido por mim, na profilaxia e cura das doenças do gado, muito particularmente dos bezerros, porque esses eram mais suscetíveis a doenças. Mas para dar continuidade ao trabalho com mais eficiência, era necessária a minha permanência efetiva no trato do gado e da fazenda, o que não acontecia, pois apenas alguns meses do ano eu me fazia presente ao trabalho do campo. Por essa razão, minha mudança para Rondonópolis, era inadiável. Um ano decisivo para mim e para minha família.

Conversei com Alaíde e José Carlos, concordaram, alugaríamos uma casa em Rondonópolis e levaríamos também a farmácia. Assim fizemos.

Um belo dia, numa manhã de julho de 1971, partimos. No meu carro eu ia na direção, do lado a Alaíde e atrás dona Josefina, minha sogra e o João Antônio, meu sogro. Partimos rumo ao Oeste, era agora a outra grande jornada. Para trás ficava a cidade que ajudei a criar e que tanto amei. ficara meu filho também. Comigo levava apenas a saudade de tudo aquilo que me era caro, levava a tristeza de um sonhador que quase sempre pagou um preço muito alto pelos seus sonhos, talvez por sonhar demais.

Em Rondonópolis, alugamos uma casa e um salão onde seria instalada a farmácia. José Scarpin, menino ainda, seguiu com o caminhão de mudanças e ficaria morando conosco definitivamente, com a permissão de seus pais.

José Carlos havia ficado em Ribeirão Preto para continuar seus estudos.

Estava definida uma nova etapa de minha vida. A fazenda era a minha meta, a farmácia, meu arrimo, o filho, meu sucessor, minha esperança.

Corria célere o ano de 1971. Rondonópolis crescia bela e pretensiosa. A farmácia estava instalada na Avenida Amazonas, nº 1.231. Eu e minha equipe atendíamos a todos, com muita vontade de servir e de vencer. Scarpin despontava como um ótimo profissional, meu filho por opção. Outros funcionários muito contribuíram para o

sucesso da minha farmácia. Foram eles: Osvaldo, Luis Dinei, Beto, Dilso, Vera, José Carlos, Jucelino, Dinho e Naia.

No início dos anos 70, na minha incansável luta, levava muito a sério a formação da fazenda. Era uma fazenda modelo, divulgada em filmes por todo o Brasil por ordem do Governo de Brasília e como fazenda exemplar em todo o Estado de Mato Grosso. Fazia me lembrar de uma frase encontrada num alfarrábio: *Mesmo que seja uma pequenina flor à beira do caminho, mas que seja a mais bela.* Inspirado nesse preceito, seguia em frente com determinação, procurando sempre dar bom exemplo aos que me acompanhavam.

O facínora

Nos idos de 1946, ainda solteiro, tentando vida nova naqueles confins, morando em uma casinha de madeira em Palmeira, onde instalei, no salão da frente, a minha farmácia, procurava desse modo, um motivo para escalar mais alto, mas não era nada fácil pela razão de ali não existirem sequer meios de locomoção. Tudo se resumia em encontros com amigos à noite em minha farmácia, Edílio Ridolfo, José Vicente e seu irmão Orlando, o Evaristo Preto, para batermos papo.

Evaristo Preto morava nas terras do Nenê Miranda, que vez ou outra, aparecia por ali para dar uma olhada em sua fazenda. Morava em Taquaritinga, cidade vizinha da minha. Evaristo quase não parava lá, vivia bebendo suas cachaças. Era tido como homem valente e o tínhamos como bom amigo. Algum tempo depois mandou construir uma casinha de sapé na vila e quase não ia olhar as terras do Nenê Miranda, passava o tempo bebericando sua pinguinha na venda do João Siqueira.

Certa noite conversávamos em casa, alguém bateu à porta. Lá de dentro perguntei: “Quem é”? Do lado de fora uma voz respondeu: “É o Juca”. Eu não conhecia nenhuma pessoa com aquele nome. Perguntei-lhe se desejava alguma coisa e ele respondeu que sim, queria remédios. Corria boato de que um facínora por nome Juca havia sido escorraçado pela família Castilho lá da Vila de Estrela d’Oeste e aportara ali pelas bandas do Córrego dos Coqueiros, numa gleba pertencente ao Dr. Euphly Jalles. Meus amigos, estarecidos, em silêncio, presentiram algo

diferente. Abri a porta e com o clarão da lamparina pude notar que se tratava de um moço loiro e forte, com duas facas na cintura.

Sem pedir licença, dizendo ser um novo morador do Córrego dos Coqueiros, foi entrando. Encostou-se a uma pequena grade de madeira que separa as armações de remédios da outra parte do pequeno salão onde eram atendidos os clientes. Foi pedindo uma escova de dentes, uma pasta dental, cinco nozes-moscadas e pacotinhos de erva doce. Eu estava embrulhando aquela mercadoria, quando ele me alertou que não iria pagar aqueles embrulhos. Olhando bem para ele, respondi: “Então não vai levar”. Para espanto dos meus amigos tudo levava a crer que se tratava com certeza do famigerado bandido tão comentado na nossa pequenina vila, com apenas uma rua e duas casinhas, a minha de tábuas e a outra de sapé do João Siqueira. “Vou levar esses bagulhos e não vou pagar”, repetiu. “Sem pagar, não”, retruquei. Meu coração batia forte. Tratava-se na verdade de um homem mau e perigoso, meu amigos, atônitos, nem se mexiam. Do lado de fora estava o seu cavalo branco, muito bonito, talvez roubado e nós, ali desarmados, à espera do pior. Imaginei não deixar tomar de assalto àquilo que era meu, e a minha dignidade? Em minha vida nunca havia passado por momento tão desagradável como aquele. Naquele ínterim, ele aguardava que eu entregasse o pacote dos produtos solicitados, só que não consegui. Eu segurava fortemente o embrulho, quando ele me disse: “Você é teimoso”. Eu revidei: “Você é um atrevido”. E naquele leva-não-leva, o Edílio levantou-se da cadeira e pediu-me que entregasse o embrulho, que ele pagaria a compra. Aquele moço forte, corado como escandinavo, olhando fixo para mim disse: “Eu vou voltar”! E lá se foi o temido bandido, intruso e mau caráter. Em toda a minha vida foi o homem mais perigoso que conheci.

O Edílio me repreendeu pela inconveniência da minha atitude. “Gesto inconveniente e com risco de vida por bagatelas e petulância de minha parte”.

Mas o caso não foi dado por encerrado, ele voltaria. Dias depois a boataria corria solta que o valente Juca marcara o dia. Começaria pela fazenda do Joaquim Moreira, cunhado do Edílio, saquearia tudo que encontrasse pela frente e, se preciso fosse, mataria pessoas, faria uma limpeza geral nas fazendas e também na vila. Fomos avisados que ele chegaria à noite. No dia determinado

por ele, foi um corre-corre dos diabos, apesar da diminuta população existente. José Vicente, armado até os dentes, levou para sua casa fora da vila o Evaristo, que também não estava disposto a enfrentar a “fera” sozinho. João Siqueira e os três filhos, todos armados de espingardas e um revólver, trancaram-se dentro de sua casa à espera do homem. Edílio foi para sua fazenda, distante da vila quinze quilômetros, e me aconselharam a ir ara a fazenda do meu primo Ângelo Galletti, distante dali oito quilômetros, assim eu ficaria longe de qualquer surpresa. Optei por não ir, ficaria ali, dentro da minha casa, onde estava a farmácia para defender o que era meu.

Engraxei bem a minha garruchinha Cabre com óleo Singer e fiquei aguardando. Abandonar minha casinha, isso nunca. Demoradamente analisei a atitude que ia tomar e as conseqüências. A possibilidade dele me atacar seria pela porta da frente. Medi a grossura das tábuas da porta, as duas balas passariam facilmente por elas e atingiriam com toda certeza o famigerado facínora. Eu sempre, desde criança, fui muito tímido, até me faltava coragem nas horas difíceis. Mas agora, naquela aflição, naquele suplício, eu rezava. Recuar, isso não.

Anoiteceu, insulado ali naquela casinha de madeira, aguardava por aquele momento que eu não desejava. Do lado de dentro, em frente à porta, eu esperava o valente Juca. Passei a noite esperando-o, e o forte moço loiro não apareceu.

Um belo dia ressurgiu acompanhado de uma bela mulher, jovem, loura e dizia querer morar na vila, mas sem ameaças. Vinha montado em pêlo no seu cavalo branco com aquela mulher na garupa. Armou às pressas um barraco lá na ponta da rua, arranchando-se por lá.

Ele não aparecia nunca para ninguém, e ninguém também o procurava. Dias depois passou a surrar a mulher constantemente. Não se demorou muito por ali. Certo dia na penumbra da noite, as pessoas viram aquele moço com a mulher na garupa, sumir lá na estrada a caminho do Porto Taboado, onde foi construída, posteriormente, uma maravilhosa ponte de aço, ligando o Estado de São Paulo ao Estado do Mato Grosso do Sul.

Diziam que o perigoso bandido havia atravessado para o outro lado do rio e que fora morto por pistoleiros a mando de

fazendeiros de Estrela d'Oeste. Havia uma outra versão de que ele teria sido morto pela sua própria mulher.

Terminava a história triste de um moço de olhos azuis, valente, temido, mas com certeza, um frustrado, talvez por nunca ter tido um carinho de mãe, abandonado, sem rumo, fruto de uma sociedade omissa, caduca, pretensiosa e decadente.

Volta à Palmeira d'Oeste

Passados dois anos, voltamos a Palmeiras d'Oeste para rever a família e visitar amigos. A cidade crescera, achei-a mais bonita. Cidade que eu vi nascer, ali dei os primeiros passos para o futuro, ali que me casei, minha mulher engravidou e gerou meu filho.

Naquele tempo, Palmeira d'Oeste era uma vilazinha pequena com apenas duas ruas e cinco casas. Em São Paulo, segundo o Dr. Silas Matos, a Alaíde tinha uma retroversão uterina motivo porque ela no quarto mês de gravidez, abortava. Não era doença mas apenas uma posição viciosa do útero, muitas vezes causada por uma queda ainda na infância, provocando uma retroversão ou genuflexão, posição viciosa, deslocando o útero para frente ou para trás. Contava-me a Alaíde quando criança, caíra da garupa de um cavalo montado por seu irmão Esmeraldo, um garoto apenas, e que talvez teria sido essa a causa de tudo.

Em virtude da recomendação do médico, levei-a um mês antes do parto para a casa de minha irmã Ermelinda, em Pirangi, onde ficou sob cuidados do Dr. Canabrava, nosso médico de confiança. No dia 12 de março 1952, nasceu o José Carlos, criança robusta, pesando quatro quilos.

Dois dias depois da nossa chegada a Palmeira d'Oeste, fui com meu sobrinho Juninho, visitar o querido amigo padre João, o João Missoni, culto e bondoso. Chegando ao sítio, onde morava, fomos recebidos pela Chafica, sua mulher. Mandou que nos sentássemos, foi chamá-lo, estava no quintal tratando de suas galinhas, consertando e limpando o galinheiro. Fui ao seu encontro, abracei-o fortemente. Conversamos longo tempo sobre nossas vidas em Palmeira. O padre João já estava com mais de 80 anos, conservava muita saúde. Ele fora, na Itália, amigo da atriz Sofia Loren e tinha um irmão padre, pessoa de inteira confiança de sua Santidade, o

Papa, que autorizou, após muito custo, o seu casamento com Chafica.

Contou-me que dias depois da nossa mudança para Rondonópolis, passando com o seu carro em frente à casa onde eu morara, freou o veículo e, não suportando os soluços, chorou. Naquele momento senti que estava definitivamente concretizada nossa amizade, clara, definitiva. Amizade como essa, desse velho amigo, nos deixa raízes, nos consome de saudades e de tristezas.

Anos depois, soube de sua morte. Rezei. Sempre acreditei que a verdadeira obra de Deus, consiste numa grande amizade, difícil de encontrar como diria outro inesquecível amigo, Dr. Roberto do Valle Rollemberg, falecido também no mês seguinte.



João Missoni, Chafic Felício Missoni (“Chafica”) e os filhos João e Ana.

Minha terra, minha gente

No dia 1º de maio de 1980, o jornal A Folha d'Oeste da cidade de Jales, homenageava a cidade de Palmeira d'Oeste no 36º aniversário de fundação com uma ampla reportagem, onde ressaltava o trabalho de sua gente, reafirmando sua solidariedade ao povo daquela comunidade.

De Rondonópolis enviei mensagem, congratulando-me pelo evento, num destaque de página inteira onde eu recompunha sua obra e sua história, cidade onde vivi durante 27 anos, município próspero, um dos mais destacados do extremo oeste paulista, e de maior poderio

sócio-econômico da região, do qual fiz parte como um de seus incansáveis desbravadores.

Na íntegra a mensagem dizia:

- De Rondonópolis, neste 36º aniversário da sempre lembrada Palmeira d'Oeste, José Roveri, a quem lhe foi dada a ventura de vê-la nascer, escrínio onde guarda nostálgicas lembranças, envia às autoridades e ao seu povo, o mais caloroso abraço, formulando votos do mais auspicioso porvir.

Felicidade, Palmeira d'Oeste.

José Roveri e família.

No mesmo jornal, em outro caderno, era ressaltado o meu trabalho e a minha contribuição na formação daquela cidade que tanto amo, pelo Jornalista Edílio Ridolfo.

No contexto, o jornal dizia:

No caminhão em que veio Chico Bizéli, veio também a "traia" de José Roveri, que se constituía em alguns caixões, onde foi o primeiro a instalar uma farmácia em Palmeira d'Oeste, portava todo o seu capital, amostras de medicamentos, que havia trazido de Pirangi.

José Roveri instalou sua farmácia Santa Adelaide, em modesta casa de tábuas, na atual Avenida Marechal Cândido Rondon, quase na esquina da Rua Brasil.

Era o farmacêutico e também era o médico. Atendia a todos com carinho e solicitude. Auscultava corações e media pressões. Os sertanejos encontravam no farmacêutico solícito, o refrigerio para os seus males corporais.

José Roveri lutou com perseverança e desesperada obstinação, em busca dos alicerces em que haveria de construir seu futuro. Encontrou-os, não por acaso, mas porque soube lutar, porque foi perseverante.

O sertão age em quem o desvirgina - principalmente naqueles tempos como "lixa grossa", raspando suas economias, o que levou-me a grudar novamente no boticão, instalando meu gabinete dentário na casa do José Roveri. Dele tornei-me amigo sincero, e quantas vezes juntos, à luz de um lampião, confidenciamos nossas venturas e... desventuras. Eram momentos em que encontrávamos lenitivos a nossos espíritos.

Mas José Roveri vai lutando obstinamente, vai saltando sobre

"mata burros" que se lhe antepunham, e transfere a sua farmácia - agora sim, podia chamar-se farmácia - para a rua Brasil.

Já havia adquirido em Rondonópolis, mil alqueires de terras por oito mil cruzeiros, pagos a prestações. Com a mesma obstinação e perseverança, consegue transformar a gleba inculta em modelar fazenda.

A mesma persistência com que este cidadão empenhou-se na luta pela criação do distrito e município de Palmeira d'Oeste.

O homem no tempo e no planeta

... Eu me perdia novamente na dimensão do tempo, nas lembranças daqueles velhos tempos de sertão, e me sentia outra vez naquela casa de pensão, envolvido numa trama sutil pela dona da pensão, naquela casa de sapé, naquela única rua de onde se avistava a minha farmácia no meio do quarteirão, longe de tudo, da minha cidade; a minha gente, que ficaram para trás, bem longe dali, e eu, sentado na sala daquela casa de taipas ligada a um bolicho.

A dona da pensão procurava embebedar-me com tragos de aguardente. Eu sentado de um lado da mesa, ela, do outro lado. Eu, já levado pelas artimanhas, já embriagado pelo efeito da bebida, e ela, procurando descobrir em mim algo que tivesse me conduzido àquelas paragens como fugitivo da lei.

Naquele sertão brabo, era assim mesmo, quando um forasteiro aportava por lá, era sempre recebido com desconfiança e perguntas maliciosas. Ela muito astuta e pretensiosa, mulher padrão "mignon" de seus 40 anos, aproximadamente, alguns traços de mulher bonita, de atitudes cretinas. Ao invés de tragar a bebida, atirava a aguardente em um outro copo escondido entre as coxas cobertas pela saia. E fazia com tamanha habilidade, que dava inveja aos maiores malabaristas do Cassino de Monte Carlo.

Eu quase inconsciente, ela "senhora" da situação, me dominava naquela pequena arena de sapé, como um touro já desfalecido. Muito sutil e vulgar, procurava em mim um pecador. Fuga por algum adultério? Aquele boticário de 28 anos de idade, recém chegado, na verdade estava ali para lutar como profissional e vencer na vida. Mas aquela mulher, baixinha e gordinha, perversa que só ela, imaginava-me um desertor do mundo civilizado.

Quase morto pela overdose, provocada pela bebida, fui levado por um moço meu amigo, formado em odontologia, que chegara naquela tarde de suas terras e iria pernoitar em minha casa, como de costume, sempre que passava por lá. Aquele moço era o Dr. Edílio Ridolfo. Colocou-me na cama, aplicou-me injeções desintoxicantes na veia, soros, banhos alternados e sustentando as batidas cardíacas com injeções de coramina, num esforço incomum para salvar-me.

Dentro da noite, numa vaga percepção da vida, sentia a morte bem próxima. Com confusões mentais, em quase delírio, sentia morrer aos poucos. Por fim, desfaleci, não vi mais nada.

Pela manhã, acordei num estado de debilidade quase que total e com fortes dores de cabeça.

Meu amigo, ao meu lado, vendo-me naquele estado de aparente aniquilamento, com certeza sentia pena daquele moço que a todo custo queria vencer na vida, mas que já encontrava obstáculos pela frente, que não esperava.

Logo depois, já melhor agradecia aos céus pelo pernoite daquele amigo que, com certeza, fora enviado a mim por Deus.



Edílio Ridolfo

Inesquecível professor

Nos seus oito anos de idade, meu filho José Carlos, tinha como professora, dona Vanda, esposa de um moço também professor, vindos com a família da cidade de Araraquara, transferidos que foram para Palmeira d'Oeste. Aquele moço, chamava-se Benedito Ferraz Bueno, alto, forte, culto, de atitudes rígidas e coerentes. Admirava-o por sua conduta íntegra,

como homem, professor, esposo, como pai exemplar e amigo. Difícil era o dia em que não aparecia em minha farmácia para conversarmos sobre o assunto do dia, literatura e política. Não era moço de tergiversação, mas, de decisões, assim era ele. Admirava-o pela sua autenticidade.

Dirigia seus alunos com a mesma dignidade com que dirigia seu lar. Tê-lo como amigo era uma honra.

Por ocasião das crismas na cidade, tornamo-nos compadres, quando seu pupilo mais novo, o Neto, passou a ser nosso afilhado.

Retornando à sua cidade com a família, após alguns anos, deixou entre nós uma lacuna que perdura 40 anos de muito sentimento de fraternidade. Nos seus cartões de Boas Festas que ele nos envia por ocasião do Natal está a prova e a força de uma amizade de quase meio século. Percebe-se assim, em sua alma, a pureza de sentimentos que ainda existem em alguns homens.

Ao caminhar pela vida com a flâmula ardente da dignidade, um paulista como o compadre Benedito Ferraz Bueno deve ser reverenciado. Mas a força de uma amizade é a própria força do Criador, dando-nos alento para a vida, força que nos envolve e concretiza nossos sonhos, mesmo sem poder compreendê-la.

Os dias que se foram

Naquela manhã, as chuvas recrudesciam sem prenúncio de bonança. Corria o ano de 1946.

À noite chovera muito e o tempo indicava mais chuva no decorrer do dia. Eram as chuvas de verão. Eu, um obstinado, mas sem condições de sobrevivência naquela lonjura, a vastidão, o silêncio e o vazio, antepunham-se às minhas esperanças. Esperanças, que havia muito de quimérico. Incerto como todo sonho, eu começava a perceber as minhas vãs fantasias, a razão das minhas buscas inúteis...

Chovia a cântaros. O tempo corria preguiçoso, impregnado de monotonia, nada indicando um futuro próspero. Ainda assim, numa resolução estóica, trazia comigo uma vontade imensa de vencer. Sentia o que havia de mais doloroso em mim, a saudade.

O sofrimento é amargo, quando estamos longe das pessoas que amamos, reacendendo, então, as lembranças que nos perseguem.

A chuva caía e eu meditava. Logo adiante, na mesma e única rua, alguns casebres foram construídos no decorrer dos meses em que eu havia chegado, míseras famílias ali se alojavam na mais extrema escassez de alimentos.

Um homem atravessa a rua em direção à minha farmácia.

- Bom dia, senhor.

- Bom dia, respondi.

- Venho em busca de recursos, falou.

- Doença?

- Sim, minha mulher não consegue dar à luz, a criança não quer nascer.

-Onde o senhor mora?

- Logo ali, na ponta da rua, naquele barraco.

-Bem, vamos lá.

Dentro de alguns minutos estava eu lá com alguns medicamentos à mão e muita vontade de trabalhar.

-Entre moço, disse-me.

Ao entrar no quarto, deparei espantado, com uma mulher ainda jovem, de pé, e, com as mãos apoiadas na parede, e uma perna de um feto dependurada, exposta, entre as pernas, o resto do corpo ainda por nascer.

Uma goteira insistente caía no meio quarto.

A mulher gemia, e eu, pasmo, diante daquela mulher, sem saber, de momento, o que deveria ser feito, um caso de distocia (posição e apresentação viciosa do feto).

Lembrei-me do doutor Clementino Canabrava Filho, quando me ensinava como proceder em casos semelhantes.

Ele sabia muito bem o que eu poderia enfrentar naqueles sertões incertos, sem recurso médico. Dizia-me sempre, quando o acompanhava nas suas visitas a doentes, pelos sítios e fazendas da região onde morávamos, para que eu nunca tomasse uma posição precipitada sobre qualquer mal, sem que tivesse certeza do que estivesse fazendo.

Eu e o marido a colocamos na cama, voltei à farmácia para consultar meu velho Chernoviz e trazer mais medicamentos e material de desinfecção. A mulher muito magra, facilitava em parte o meu

trabalho. Mas era um parto, que teria de ser feito por médico da categoria do Dr. Canabrava e não por um boticário de província.

Numa renhida luta para poder salvá-la e se possível salvar a criança, eu seguia conscientemente os conselhos do meu mestre.

Minutos antes eu advertia o marido, da conveniência de conduzí-la para a cidade de Jales, a um médico parteiro. Mas, eu sabia muito bem da impossibilidade de levá-la para fora daqueles confins por não possuir um veículo sequer no lugarejo.

Então, propus-me àquela tarefa praticamente inédita e cruel para mim. E lá fui com muita atenção ao trabalho que requeria conhecimento e muita cautela, levando-me a repetir mentalmente as palavras do espanhol Mira Y Lopez: **Suave na forma, firme no propósito.**

Depois de cinco horas de árdua tarefa, consegui recolocar a criança na posição correta, salvar a parturiente e a criança. Minha missão estava cumprida, mas pedi encarecidamente a Deus, para que não me aprontasse outra. Diz o ditado árabe que "quem salva uma vida, salva o mundo".

Agradecimento final

Estou agradecendo aos céus numa emoção presente por ter nascido de uma mulher que a todo custo queria que seu filho continuasse os estudos e fizesse farmácia. Ams não alcançou seus objetivos. Sobreveio a grande crise de 1928 e 1929, com efeitos funestos não só para o Brasil, como para o resto do mundo, impedindo deste modo a realização dos seus sonhos de ver o seu pupilo formado. Tudo em vão, morreu conformada. Quanto a mim, ainda um adolescente, não me dei por vencido, fui trabalhar com meu cunhado Antoninho, em sua farmácia lá no centro da cidade, pois morávamos numa modesta casinha de periferia.

Sem deixar minhas ilusões rolar por terra com a grande crise, que persistia. Por que chorar perdidas ilusões, diria Charlie Chaplin: **A vida é muito curta para não ser vivida intensamente,** e por que não buscar outras alternativas, a não ser no trabalho?



Hermenegildo Jose Ferreira
2014

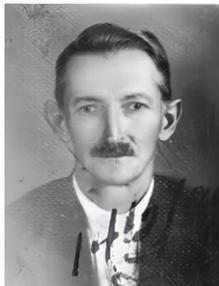
Família Zanelati

A fama de um patrimônio, de apenas 11 anos, incrustado no sertão do noroeste paulista corria por todo o Estado de São Paulo em 1956.

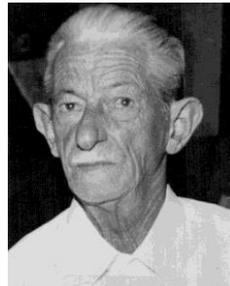
Palmeira d'Oeste possuía terras inexploradas com matas exuberantes e de excelente qualidade para a agricultura.

Em andanças pela cidade de Pedranópolis (SP), três amigos, moradores de Palmeira d'Oeste, exaltavam as qualidades da Vila à família Zanelati.

Luiz Zanelati e seu pai Mário, em viagem com destino à Andradina (SP), resolveram nesse meio caminho, aproveitar para conhecer, o “tão bem falado”, lugar. Pernoitaram no Hotel do Sr. Félix Damas e gostaram do que viram! Seus espíritos empreendedores visualizaram um local de oportunidades.



1939 - Mário Zanelati



1995 - Luiz Zanelati

Rapidamente se desfizeram de seus bens em Pedranópolis e investiram na jovem Vila. Luiz adquiriu um imóvel em alvenaria com salão comercial grudado à casa na Rua Brasil. Era muito

comum na época a família de comerciante morar junto ao local de trabalho. Seu pai Mário comprou uma chácara com uma casa feita de tábuas na Rua São Paulo nº 56-80 (o nome desta Rua foi alterado posteriormente para: Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco) e um sítio no Córrego do Cavaco.

A família Zanelati, de origem italiana, mudou-se para Palmeira d'Oeste em junho de 1956. Luiz Zanelati com 33 anos de idade; sua esposa Concetta Spontoni Zanelati (“Dona Conceição”) com 27 anos; os filhos: Maria Aparecida com nove anos, Luzia com seis e Salvador Luiz com três anos. Também vieram os pais de Luiz: Mário Zanelati e Augusta Pasquotte Zanelati.

Moraram todos juntos na casa de tábuas da chácara por quase um ano. Era uma casa grande e muito bem feita. Esperaram a liberação do prédio da Rua Brasil, que embora tivesse sido comprado do Sr. Otaciano, estava alugado sob contrato para terceiros.

Quando me trouxeram para Palmeira d'Oeste, no início de 1959, moramos por uns tempos nessa casa que foi alugada para minha família, então composta por meu pai (José Arlindo Ferreira), minha mãe (Etezarife Violin) e eu (Hermenegildo) ainda bebê.

As crianças do “Seu” Luiz e da Dona Conceição tinham medo de passar pela praça central. À noite a praça era mal iluminada, contava com apenas alguns lampiões a querosene para quebrar um pouco a escuridão. Durante o dia tinha o urubu de estimação do Otaviano correndo atrás de quem se atrevesse a passar por lá.



1952 - Conceição, Luzia, Maria Aparecida e Luiz Zanelati

No ano de 1957 foi inaugurado na Rua Brasil nº 52-71 a “Padaria São Luiz”; um pequeno estabelecimento comercial, em alvenaria, muito simples, com uma casa geminada onde a família passou a morar. Nos fundos do quintal havia uma edificação rústica de madeira onde eram produzidos os pães e doces. Tudo feito no “muque”.

A massa para ser preparada exigia muito esforço de uma pessoa e do suor que escorria pelo corpo um pouco ia misturar-se com a massa, era inevitável! Há quem diga que isso é que dava o “ponto” no pão e por isso é que o pão era tão gostoso!

A próxima etapa era passar a massa no cilindro, de início manualmente, mas depois conseguiram comprar um cilindro movimentado por um motor “desgramado” a gasolina. Para dar a partida era necessário colocar um “cachimbo” com fogo para aquecer a vela e usar força na feira... E enquanto o “Seu Luiz” cuidava de passar a massa no cilindro, Dona Conceição tinha que ficar atenta, pronta, para não deixar o motor afogar, pois de vez em quando o vagabundo insistia em fraquejar.

A última etapa era assar o pão no forno tipo francês (caipira).

O forno caipira a lenha era uma estrutura redonda de tijolos com reboco externo feito com terra vermelha peneirada, misturada com açúcar e água, isso para possibilitar a conservação do calor por mais tempo.

Enchia-se o forno com lenha no período da tarde, “carcava” fogo e fechava-se a portinhola de ferro da frente. Quando os tijolos aparentes ficavam na cor branca, era o sinal que a “caloria” do forno estava no ponto. Isso ocorria na madrugada do dia seguinte. Limpava-se bem o forno, retirando as brasas e cinzas. Colocavam-se talos e folhas de bananeira para gerar vapor no interior do forno e em seguida iam os pães. Fechava-se a portinhola de ferro que era vedada com um pano molhado em sua volta.

Nas próximas “fornadas” de pães havia a necessidade de aumentar a quantidade de açúcar na massa para dar a cor dourada ao pão, isso para compensar a perda de calor do forno. Dizem que na última fornada o pão já era quase um pão doce.

A Vila crescia a passos largos, a população aumentava por conta das famílias que chegavam atrás do sonho de melhorar de vida num local novo e promissor.

Quase tudo ainda estava por fazer. Não havia energia elétrica, serviço de água e esgoto e vias pavimentadas.

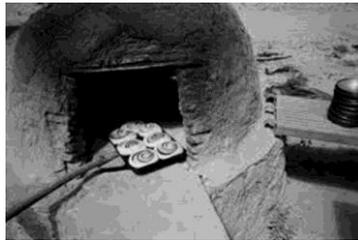
A luz era por conta de lamparinas e lâmpões alimentados com querosene.

A água vinha de poços perfurados nos quintais e era retirada com baldes atados por cordas a sarilhos e puxados no braço.

Os dejetos pessoais eram depositados em fossas no próprio quintal que eram chamadas de “mictórios” ou “privadas”.

Como não havia energia elétrica na cidade, nem geladeiras, o fermento para a confecção de pães era conservado dentro de uma lata de 20 litros colocada dentro de um tambor com água e mantido em local sombreado. Isso só mudou quando conseguiram comprar uma geladeira tocada a querosene.

O forno francês foi substituído por volta de 1960 pelo forno de ferro industrial “Super Vulcão 59” (moderníssimo na época). A lenha comprada do Sr. Roque Palácio era colocada e queimada na fornalha, um compartimento separado dos pães. Este foi o primeiro forno industrial de Palmeira d’Oeste. Máquinas tais como: a amassadeira e a enroladeira facilitaram o trabalho após a chegada da energia elétrica.



Forno francês (forno caipira) à lenha: estrutura redonda de tijolos com reboco externo feito com terra vermelha peneirada, misturada com açúcar e água, isso possibilitava a conservação do calor por mais tempo

O pessoal dos Bares comprava o pão direto na Padaria. Para os moradores havia o serviço de entrega em suas residências. O pão era transportado em cestas e balaies de bambu. Maria Aparecida e Luzia acordavam lá pelas quatro horas da madrugada e saíam andando a pé carregando a cesta e o balaio cheios de pães. Faziam a entrega de casa em casa, serviço que só terminava depois das nove horas da manhã.

A primeira casa a ser visitada, e a mais próxima, era da Dona Adélia Scarpin.

As crianças chamavam: - Dona Adélia, Dona Adélia?

Dona Adélia, de madrugada, ainda deitada na cama respondia: - Que foi “fia”?

Luzia:- a senhora quer pão?

- Ah, deixa dois... Três... Lá em cima da mesa.

Luzia, hoje, lembrando acha que Dona Adélia comprava movida pelo seu sentimento de piedade por ver as crianças trabalhando na madrugada.



Cesta de Bambu



Balaio de Bambu

Salvador já mais crescidinho começou a acompanhar as irmãs nas entregas, com uma cesta menor de bambu. Nas madrugadas com sereno ia sacudindo uma vara comprida sobre o balaio de pão. Essa era a tecnologia usada para o pão não “pegar umidade”. Nesse tempo não existia o plástico e os pães iam dentro do balaio recobertos com pano para não “pegar o orvalho”.

Enquanto isso, Dona Conceição se desdobrava para ajudar no sustento da família. Na lida diária, ainda arrumava tempo para lavar roupa para o Hotel do Sr. Félix Damas e o Hotel São Paulo de Orlando Miguel Vicente posteriormente vendido para a família Shigihara.

Em 1960 acompanhando o progresso rápido de Palmeira d'Oeste e com a chegada do forno de ferro industrial “Super Vulcão 59”, a Padaria São Luiz estava completamente consolidada. A entrega de pães nas casas da cidade começou a ser feita com carrinhos puxados por cavalos, conduzido pelo padeiro. Era um carrinho com a parte traseira fechada, tipo baú, revestido de lata. Esse serviço, naquele tempo, era feito pelo Joaquim, pelo Valter e depois pelo Zé Melo.

Produziam-se vários tipos de pão: o bengala, o mandí, o corneta, o suíço, o doce... Para a região iam por ônibus. Eram

atendidas as localidades de São Francisco, Canguçu, Ponte Pensa, Vila Dirce, Marinópolis, Aparecida d'Oeste...

Pela manhã os pães eram acondicionados dentro de sacos de farinha de trigo reutilizados e enviados por ônibus aos seus destinos. No período da tarde os cobradores dos ônibus na viagem de retorno jogavam de volta o saco que tinha que ser agarrado no ar. Dentro do saco vinha o pagamento daquele dia e o próximo pedido de pães.

O município de Palmeira d'Oeste chegou a ter quase 35000 habitantes na década de 60, a cidade era muito movimentada! As propriedades rurais eram pequenas e havia muita gente “abrindo a mata” para formar lavouras de arroz, amendoim, milho, feijão, algodão, banana, café...

Doces secos, tais como: brevidade, sequilho, bom-bocado, pão doce e broa de fubá, eram entregues no Bar do Ponto do “Ranchinho” na Rua Brasil (assim era chamado o local de embarque e desembarque dos muitos ônibus que passavam pela cidade).

Para selar o firme propósito com a terra que os acolheu, Luiz e Conceição foram agraciados com mais um filho. Em 1962, nasceu Mário Donizete Zanelati.

No início de 1964, Luiz Zanelati recebeu uma boa proposta para se desfazer do seu negócio e então vendeu o estabelecimento, com prédio e tudo, para três sócios portugueses: Joaquim, Carlos e Antônio. Logo depois, com o início dos governos militares, os imóveis e as empresas, de uma maneira geral, se valorizaram bastante. Com dinheiro na mão, o que era para ser um bom negócio tornou-se ruim. Salvador acha que seu pai vendeu errado, na hora errada! Pelo visto os portugueses se deram bem.

Neste local a família do Sr. Luiz Zanelati residiu e trabalhou por sete anos.

No mesmo ano, Luiz comprou do Sr. Armando Pedreiro, um terreno na Rua São Paulo nº 10-10 e começou tudo do zero. Construiu a casa junto com salão comercial na sua frente. Reabriu inicialmente apenas como bar e sorveteria e, por algum tempo, também manteve ali uma pousada para depois voltar a fazer pão de modo artesanal.

Em 1970 com a chegada de um novo forno industrial a estrutura da Padaria São Luiz estava completa e Salvador começou

a trabalhar junto com seu pai. O destaque foi a invenção do “mini pão”. O “mini pão” era um pão feito para se fazer lanche, especial para “cachorro quente”. Tinha a marca que foi criada e registrada dos “Produtos Maneza®”. Fez grande sucesso, sendo vendido até 1979 para muitas cidades do Estado de São Paulo. Neste ano passou a apresentar o grave problema de mofar rapidamente. Foram feitos estudos minuciosos, até por químico especializado, mas o problema não foi resolvido e o “mini pão” deixou de ser fabricado.



1972 - Eurides Messias da Silva (Pardinho), Mario Donizete Zanelati, Luiz Zanelati e Ademir Rosa Sine (Bengala) na Padaria São Luiz



1972 – Sacola da Padaria e Bar São Luiz

Em duas ocasiões ocorreu incêndio na padaria, na primeira foi facilmente controlado, mas na segunda vez, em 1973 a situação foi terrível.

Era um sábado e o forno estava cheio de “assados” encomendados para uma festa que aconteceria na cidade.

Um botijão de gás colocado atrás da fornalha iniciou o fogo que se alastrou rapidamente, correram, desligaram a energia elétrica e iniciou-se o combate às chamas com extintores de incêndio. Teve gente que teve a brilhante idéia, talvez por malandragem, de retirar os assados que estavam no forno e jogar fora. Argumentavam que os assados iam se queimar e seriam perdidos. Salvador, na ocasião, alertou: - Gente, Para! - Dentro do forno não vai pegar fogo!

No tumulto formado aglomerou pessoas para ajudar, mas infelizmente alguns não para isso. Teve um casal que só ficou olhando e dando risada. Dona Conceição chorando diante daquela situação e algumas pessoas, aproveitando a confusão, tentando arrombar o bar para roubá-lo. Nesse meio tempo, no meio da correria, um funcionário teve a infeliz idéia de religar a energia elétrica, então foi curto-circuito e fogo novamente para todo quanto é lado, uma loucura! Mas passou... O fogo foi controlado com a ajuda de muita gente. Praticamente todos os extintores de incêndio que existiam na cidade foram usados naquela ocasião!



1977 - Casamento de Salvador e Sônia Maria Ferreira Zanelati – A festa foi realizada no campo de bocha nos fundos da Padaria São Luiz.



1977 – Gilmar Martins, Bertolassi, Pardinho, João Marques de Brito, Anísio Teixeira Lisboa, Bengala, Luiz, Mario, Salvador e Jair Conceição - Em frente à Padaria São Luiz – equipe de: padeiros, entregadores do mini pão Maneza[®] e funcionários das Auto Escolas: Cruzeiro e Nossa Senhora Aparecida



1985 - Bodas de ouro do casal: Conceição e Luiz

Salvador, paralelamente ao trabalho na padaria, foi comprando as Auto Escolas da cidade. Comprou a Cruzeiro em 1975, a Nossa Senhora Aparecida em 1979 e a São João em 1980. Depois foi se desfazendo delas até sair do setor em 2008.

No final de 1983 Seu Luiz vendeu a padaria para seu filho Salvador e se aposentou.

Os tempos eram de crise. O Banco Econômico S/A fechou sua agência local. Salvador aproveitou a oportunidade e comprou o prédio do Banco na Rua Brasil nº 46-50. Fez uma grande reforma

e, no início de 1984, presenteou Palmeira d'Oeste com um moderníssimo estabelecimento comercial: a Panificadora e Lanchonete Soberana.

Em 1957 a Padaria São Luiz iniciava sua longa trajetória... Sustentada pelo empenho de uma família dedicada, venceu muitos obstáculos e persistiu enquanto muitas empresas sucumbiram. Conseguiu ultrapassar as várias crises econômicas que afligiram a cidade e o país.

O trabalho das esposas, ao seu tempo, dona Conceição e Sônia, na lida diária, cuidando da família e do estabelecimento comercial é fator relevante na longevidade da mais antiga empresa de Palmeira d'Oeste dirigida por uma mesma família..



1994 - Família de Salvador Luiz Zanelati - Maurício, Priscila, Leandro, Sônia e Salvador



1997 - Família de Luiz Zanelati - Mario, Sônia, Luzia, Conceição, Salvador e Aparecida



2011 - Sônia e Salvador – Panificadora e Lanchonete Soberana.



2014 - Panificadora e Lanchonete Soberana

Os pais de **Luiz Zanelati**:

Mário Zanelati nasceu em 1890 em Ferrara, Itália. Desembarcou no porto de Santos em 1891.

Augusta Pasquotte Zanelati nasceu em 1884 em Tietê (SP).

Os pais de **Concetta Spontoni Zanelati** (“Dona Conceição”):

Salvador Spontoni nasceu em Sertãozinho (SP);

Josefa Pedi Spontoni nasceu na Sicília, Itália.

Luiz Zanelati nasceu em 1921 em Birigui (SP).

“**Dona Conceição**” nasceu em 1929 em Andradina (SP).

Os filhos de **Luiz Zanelati** e “**Dona Conceição**”:

Maria Aparecida nasceu em 1946 em Birigui (SP);

Luzia nasceu em 1949 em Pedranópolis (SP);

Salvador Luiz nasceu em 1953 em Pedranópolis (SP);

Mário Donizete nasceu em 1963 em Palmeira d'Oeste (SP).



Hermenegildo Jose Ferreira
2012

Guarani Futebol Clube

Houve um tempo em que praticamente todos os bairros rurais de Palmeira d'Oeste mantinham sua equipe regular de futebol. Esses bairros, no geral, levam o nome dos córregos que banham a sua área. Isto também acontecia com os times de futebol. Uma das exceções era o Guarani Futebol Clube da região da antiga Fazenda Cacique.

Nas tardes de domingo as famílias e os amigos reuniam-se em torno do campo de futebol do seu bairro para jogarem “conversa fora”, discutirem os problemas de quem vivia no “sítio” e assistirem disputadíssimas partidas de futebol.

De segunda a sábado o preparo físico dos jogadores era feito no trabalho duro da roça: nos cafezais ou lidando com os animais. Nas tardes de domingo a labuta era outra, era nos gramados dos campos de futebol! Essa era uma das poucas opções de lazer da época e seguramente das mais populares.

Nos Bairros Rurais: Banhado, Tatu, Espírito Santo, São Domingos, Cavaco, Laranjeira, Macumã, Macumãzinho, Sucuri, Sucurizinho, Anta, Jaguará, Bufon, Guarani, São Domingos...

No Distrito de Dalas: Dalas

Na Cidade: Sociedade Esportiva Palmeiras, Cruzeiro, América (juvenil), Athenas, Paulistinha (infantil)...

Boa parte do pessoal caminhava a pé para ir até o campo do seu bairro. Às vezes tinham que atravessar cercas, porteiras, córregos, pinguelas... Aqueles que tinham mais recursos iam montados nos seus cavalos, carroças, charretes ou bicicletas.

Quando a partida era em local distante, um caminhão era alugado. O custo era rateado entre todos. Subiam na carroceria e iam comendo poeira estrada afora, isso quando não levavam chuva no lombo. No tempo das águas era comum o caminhão encravar nos barreiros das estradas, ocasião em que o pessoal tinha que apelar da carroceria para desatolar o danado. Usavam a força dos braços, pedaços de pau e enxada! Chegavam às suas casas com as roupas lambuzadas de barro!

A história do Guarani Futebol Clube começa quando dois amigos pensam em preencher as suas tardes de domingo jogando futebol.

Durval Secafim (Vavá), vasculha os cantos da sua memória para nos contar parte da história de um dos grandes times de futebol de Palmeira d'Oeste.

O Guarani foi fundado lá pelo ano de 1957 por Onestino Barbieri e Vagner Bertoldo.



1957 – Onestino Barbieri



1957 – Vagner Bertoldo

Os dois amigos, Onestino e Vagner, conseguiram reunir outras pessoas interessadas pelo futebol, procurando os moradores das fazendas e sítios próximos, na região do município que chamavam de “Fazenda Cacique”. Limparam uma área de pasto, fincaram as traves de madeira e demarcaram o campo de futebol na frente da venda do Clarismino. A venda era uma construção rústica de pau roliço do outro lado da linha dois; uma estrada de terra batida, como todas que haviam por aqui.



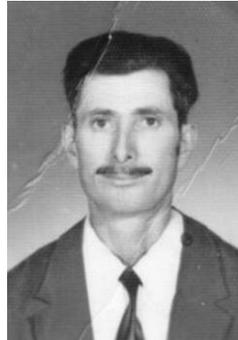
*1957 - Guarani Futebol Clube - Ao lado da venda do Clarismino
Titulares da esquerda para a direita – Em pé: (1, 2, 3, 4 e 5).
Agachados: Zézinho do Valinho, Onestino Barbieri, (8 e 9) e
Vagner Bertoldo. Deitado: (11). Infelizmente já não sabemos os
nomes dos que aqui estão numerados*

Passado algum tempo, o campo de futebol sofreu algumas mudanças, passou por vários locais. Da venda do Clarismino foi para o sítio do Sr. Ermelindo Casagrande, sítio do Sr. Avelino Bolognesi e seus irmãos, e em 1962 para o sítio do Sr. Adail Mastrocezare, onde permanece até nossos dias.

A cada mudança de local repetia-se o trabalho de limpar a área de pasto arrancando os tocos de árvores com machado e enxadão, fincando as traves de madeira e demarcando os limites do campo de futebol.



1973-Ermelindo Casagrande



1972-Avelino Bolognesi



1965-Adail Mastroczare

A linha dois era uma estrada de terra que cortava a região da Fazenda Cacique, caminho obrigatório para a então “Vila de Dirce Reis”, com o progresso recebeu pavimentação asfáltica e recebeu o nome de Honório Alves de Toledo.



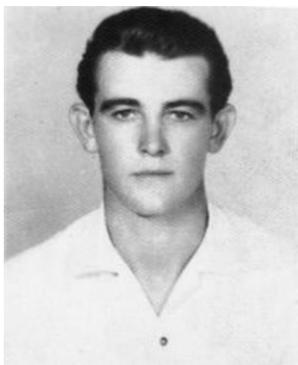
1962 - Guarani Futebol Clube – Titulares.

Em pé: Eduardo filho de Nestor Pereira, Laércio (Pinguim) filho de Onestino Barbieri, Nestor Pereira, Julião Garcia, Durvalino de Souza, Durval Secafim (Vavá), Paulino Bolognesi e Pedro Pontes. Agachados: Zezinho do Valim, Roque, Onestino Barbieri, Antônio Valério (Tizil) e Vagner Bertoldo



1973 – Família de Onestino Barbieri.

*Em pé: Laodemir (Láo), Sueli, Laédes, Laércio (Pingüim) e Lair.
Sentados: Onestino Barbieri, Izolina Fim Barbieri e Noeli*



1961 – Durval Secafim (Vavá)

Durval Secafim já pertencia ao quadro de atletas há bastante tempo, em 1967 assumiu a diretoria do time e passou a cuidar das instalações da área de lazer.



1984 - Guarani Futebol Clube – Titulares.

Em pé: Prefeito Hélio Ponce, Natal Bolognesi, Paulo da Silva, Zé Carlos, Piriquito, José Secafim, Valdomiro Bolognesi (Lilo), Sérgio Casagrande e Durval Secafim. Agachados: Vaine Casagrande, Antônio Bolognesi (Niquim), Paulo Bolonhezi, Zé Laerte e Mauro Mesquita



Guarani Futebol Clube – Aspirantes.

Em pé: Dair Casagrande, Antenor Zórzi, Izaías, Antônio Zanuto, Dairzinho, Barrela e Garrafinha. Agachados: Antônio Bolonhezi (Nenê), Osmar Egídio, Antônio Bolognesi (Niquim), Valdir Bolognesi (Tiquim), Dair Mescua e Zé Laerte

O Guarani Futebol Clube viveu muitos momentos de glória conquistando vários torneios e campeonatos. Houve períodos em que sua equipe era praticamente imbatível quando se confrontava com os outros times da nossa região. Seus jogadores jogavam por amor, suavam a camisa e davam o sangue pelo time.

Na área cedida no sítio do Sr. Odair Mastrocezari, margeando o quilômetro cinco da linha dois, além do campo de futebol foi construído um galpão para abrigar o campo de bocha, os vestiários para os jogadores e um poço de água potável com sarilho. Naquele tempo, poucos times possuíam uma infra-estrutura dessas. O sítio posteriormente foi vendido para o Sr. Avelino Bolognesi e hoje pertence a seu filho Antônio Donizeti Bolonhezi (Nenê) que também defendeu a cores do Guarani por muito tempo.



2012 – Área de laser do Guarani

É sabido que o futebol desperta paixões! Com o Guarani não foi diferente. Natal Bolognesi, Julião Garcia, Augusto Roncador e seu filho José Roncador, João Garcia, Nico Buzinari, Faustino Secafim, Eduardo Martins, Vicente Pereira Lima, Vanderlei de Melo, José Arlindo Ferreira (Zezinho Sapateiro), Ditão do Banhado, Celso Fantini, José Francisco Amaral (Tio Juca)... Tantas eram as pessoas que amavam aquele time! Parceiros e dedicados, muitos deles residiram naquela região, criaram os filhos e construíram parte de suas vidas.



1994-Antonio D. Bolonhezi



*1970-Natal Bolognesi e sua esposa
Ondina Márti Bolognesi*



Faustino Secafim e sua esposa Ida Maria Secafim



*1973 – Caixa do massagista doada pelo vereador Zulmiro
Biscassi*



1973-José Francisco Amaral
(Tio Juca)



1977-José Arlindo Ferreira
(Zézim Sapateiro)

“Tio Juca”, por longos anos, foi o dedicado e prestativo massagista do time. Contam que na caixa de massagem não carregava muito além de uns pedaços de algodão e merthiolate, é o que os poucos recursos permitiam.

“Zézim Sapateiro” tinha relacionamento muito bom com todos os dirigentes dos times de sítio. Por muito tempo, foi a pessoa responsável de “tratar” os jogos para praticamente todos os times. Tinha um caderno, nem tanto organizado, onde anotava tudo. Sabia onde e quando cada time deveria jogar ou se algum ainda tinha data disponível. Cuidava para que nenhum time ficasse sem ter com quem jogar nos domingos. Era presença indispensável como membro das comissões organizadoras dos campeonatos amadores municipais.



1982 - Guarani Futebol Clube – Titulares

Campeão do Campeonato Municipal de Palmeira d'Oeste.

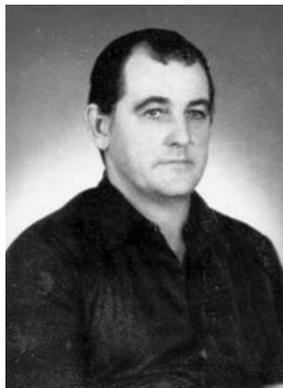
Em pé: Piriquito (Técnico), Sílvio Ferreira, Antônio Donizeti Bolonhezi, Pereirão, Paulo Bolonhezi, Bila, Demazinho, Valdomiro Bolognesi (Lilo) e Vavá. Agachados: Cabral, Agnaldo, Dairzinho, Dinda, Pedrinho, Nim e Osmar

“Um das duas vezes ao ano, eu organizava um torneio. Convidava mais três times da região, aspirantes e titulares. Os jogos eram mais curtos, em torno de 60 minutos no total dos dois tempos, e no sistema “mata-mata”, perdeu... Está fora! Se no final da partida o placar estivesse empatado, a disputa era nos pênaltis. O ganhador fazia muita festa e a vitória era assunto para muito tempo. O primeiro e segundo colocados levavam as taças oferecidas no torneio”. (relato de Durval Secafim).



1989 - Guarani Futebol Clube – Titulares

Em pé: Judemar Secafim, Sílvio Ferreira, Dinda, Valdomiro Bolognesi (Lilo), Mauro Mesquita, Osmar Egídio, Demazinho, Natal Bolognesi e Durval Secafim. Agachados: Paulo Bolognesi, Deida, Nicão, Dairzinho, Nim, João Luiz e José Arlindo Ferreira (Zézim Sapateiro)



1992 – Durval Secafim (Vavá)



Guarani Futebol Clube – Aspirantes

Em pé: Elídio Garcia, José Roberto Marques, Antônio Pereira Lima (Toim), José Roncador, Natal Bartalha, Antônio (Pelé), Ademir Zorzzi e Durval Secafim. Agachados: Zé Laerte, Benedito Pereira Lima (Ditim), Valdir Lopes, Valdir Bolognesi (Tiquim) e Molina.

Épocas de eleições municipais apareciam os candidatos pedindo voto a quem viam pela frente. Faziam seus comícios e agradados. Não raro, os comícios eram feitos com os candidatos trepados em cima de uma carroceria de caminhão estacionado no meio do campo de futebol. Faziam seus discursos no gogó, sem microfone nem nada!

Era o momento do diretor de time conseguir arrancar, de um ou outro candidato, a doação de jogos de fardamento novo e bolas de futebol.

Na Vila (era assim que as pessoas que moravam nos sítios chamavam a Cidade) tinha pouca gente morando, a grande maioria estava nos sítios e fazendas e os candidatos dependiam muito da gente da roça para serem eleitos.



Guarani Futebol Clube – Aspirantes

Em pé: Salvador Martins (Dô), Zé Carvalho, Antônio Barbosa (Lorão), Zé Laerte, Paulo Bolognesi (Paulão), Luiz Carlos Mártir e Osmar Egídio. Agachados: Elias Martins (Nico), Juarez Farinasse, Valdir Bolognesi (Tiquim), Gerson Secafim e Girson Secafim



2002- Guarani Futebol Clube – Aspirantes

Em pé: Regi, Edinho, Nardo, Alessandro, José Sabião (Técnico), Claudinho, Rodrigo e Chocolate. Agachados: Zé Roberto, Rôni, Carlinhos, Judemar, Zetão, Fernandinho e Juliano

A maior parte dos jogos eram partidas “amistosas” onde o time visitante disputava uma partida com o time local. Os aspirantes jogavam primeiro e em seguida jogavam os titulares. Ao final das partidas era de costume oferecer garrafas de xiboca ou pinga pura ao time adversário. Ao diretor visitante era entregue um cheque (era a chamada “garantia”) para assegurar que numa data futura o time local iria “pagar” o jogo indo até o campo do adversário, ocasião em que o cheque era devolvido.

1975 – fichas de inscrição do Campeonato Municipal de Futebol Amador de Palmeira d’Oeste



João Afonso (João Canhoto)



Lair Pascoal Barbieri

Mas os tempos mudaram...

Com a crise do café, o município que na década de 60 chegou próximo aos 35.000 habitantes, com a grande maioria das pessoas morando nos sítios e fazendas, iniciou seu êxodo rural. Muita gente foi embora para a cidade grande (São Paulo, Americana, Jundiaí...), outros se enfiaram sertão mais adentro e foram ajudar no desenvolvimento de novas cidades. São José dos Quatro Marcos no Estado do Mato Grosso é uma delas. As casas das propriedades rurais foram ficando vazias abandonadas... O município encolheu e hoje tem pouco menos que 10.000 habitantes.

Foi minguando os atletas dos bairros rurais e os times de futebol foram se desfazendo.

O time de futebol do Guarani já não existe desde 2005. Faltaram atletas e adversários. Mas, Durval Secafim (o Vavá), seu incansável e dedicado, diretor desde 1967 não desistiu, vez ou outra, ainda conseguiu organizar alguns torneios de futebol no campo do Guarani.

Nos dias de hoje, quem por lá passa, encontra-o aos sábados e domingos à tarde, cuidando do boteco, mantendo o campo de

futebol roçado (para aqueles que arriscam jogar “uma pelada”) e organizando animados campeonatos de truco. O Guarani é um centro de lazer para os moradores da região da antiga Fazenda Cacique.

Às vezes, ainda tem quem corra atrás da pelota, do jeito que dá. Formam o “time de camisa” contra o “sem camisa”, entra quem quer, não importa a idade nem tampouco a qualidade do futebol do atleta! Talvez por isso chamem esse tipo de jogo de futebol de: “racha”, “pelada” ou “quebra dedo”!



2003 – Turma do “futebol de racha” (“pelada” ou “quebra dedo”)

Em pé: Cristiano bolognesi, (2, 3) Carlin Mineiro, Fábio Sversuti, Adriano Aranon, Anderson Matir, Ângelo Martins e Paulo Bolognesi. Agachados: Sérgio Bordin, Gerson Secafim, Luiz Mártir, Valcimar, Fernando Pissolato, Adriano Mártir, Fabiano Mártir, Fernando Sversuti e Lucas Secafim. Na frente em posição perigosa: Aparecido Sversuti (Cidinho)



2012 – O boteco do Vavá

O futebol, infelizmente, se foi...

Aqueles que em outros tempos, com seus corpos atléticos, participavam dos jogos de futebol, hoje, reúnem-se em volta do balcão do boteco do “Vavá”. Encostam suas barrigas no balcão, tomam umas “biritas”, contam estórias, trocam idéias, trocam experiências, discutem os problemas da agricultura! Futebol? Não jogam mais! Trocaram o futebol pelo jogo de Truco, um jogo de baralho muito barulhento e divertido.



2012 – Alguns da turma do truco

Em pé: Gerson Secafim, Manoel Martír, Alceu de Oliveira, João Mártir (Títa), Dalmo Jesus Borges de Souza, Durval Secafim (Vavá), Antônio Duarte, Moacir Buzinaro (Lêla), Luiz Sversuti, Eduardo Montoro, Manoel Donizete Vieira, Augusto Muniziz da Silva (Gustão) e José Laerte Sabião. Agachados: Hermenegildo José Ferreira (Menê), Adibo Pissolato (Biba), Carlos Sanches Fernandes, Paulo César Lima de Melo, Dair José Aranon, Aparecido Sversuti (Cidinho), Décio Caparroz Biudes e Givanildo Secafim. Deitado: Luiz Carlos Mártir

Temos que admitir: O padrão dos atletas mudou um bocado! O tempo passou e fez os seus estragos.

Os costumes mudaram muito desde 1957. Hoje todos carregam o seu telefone celular, mas... Se alguém precisar de um canivete para arrancar o caroço de uma fruta... Vai ser difícil achar um com alguém! O sujeito vai ter que comer com caroço e tudo.



Augusto Muniziz da Silva (Gustão)

O Gustão é dos poucos que mantem os modos e costumes. Ainda vai para o Guarani montado na sua charrete, de botina no pé, chapéu na cabeça e canivete na cinta.

Muitos centros de lazer dos bairros rurais de Palmeira d'Oeste, com o tempo, foram perdendo a sua força, a sua graça. O Centro de Laser do Guarani, heroicamente, ainda teima em ficar de pé.



José Vicente Vicente

Fundou Palmeira d'Oeste em 13 de dezembro de 1944.

“Era uma vez... Uma família de pioneiros que se instalou numa mata cerrada e lançou ali uma estaca fundamental no meio das palmeiras. O espírito de aventura apagava todas as apreensões, o medo, o pavor...”

Santa Luzia era a padroeira que oferecia seus olhos a todos que precisavam de proteção”...

Por: Yvonne Vicente Geraldini

Palmeira d'Oeste/SP



**Thomaz Vicente Vicente
O doador das terras para sua fundação**



**José Vicente Vicente
O fundador**



**Santa Luzia
A padroeira**